# POLISSEMIA E ORDENAÇÃO DO ITEM **MAL** NO PORTUGUÊS ESCRITO:

## uma análise diacrônica

Luciano Sebastião Bandeira Benedito

Faculdade de Letras / UFRJ

2008

# Livros Grátis

http://www.livrosgratis.com.br

Milhares de livros grátis para download.

# POLISSEMIA E ORDENAÇÃO DO ITEM **MAL** NO PORTUGUÊS ESCRITO:

uma análise diacrônica

Por

Luciano Sebastião Bandeira Benedito

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Lingüística da Universidade Federal do Rio de Janeiro como quesito para a obtenção do Título de Mestre em Lingüística.

Orientador: Professor Doutor Mário Eduardo Toscano Martelotta.

Faculdade de Letras / UFRJ

POLISSEMIA E ORDENAÇÃO DO ITEM **MAL** NO PORTUGUÊS ESCRITO:
uma análise diacrônica

Luciano Sebastião Bandeira Benedito
Orientador: Professor Doutor Mário Eduardo Toscano Martelotta

Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Lingüística da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em Lingüística.

Aprovada por:

_____

Presidente, Professor Doutor Mario Eduardo Toscano Martelotta – UFRJ

_____

Professora Doutora Maria Maura da Conceição Cezario - UFRJ

_____

Professora Doutora Mariângela Rios de Oliveira – UFF

_____

Deize Vieira dos Santos – UFRJ, Suplente

_____

Victoria Wilson Coelho – UERJ/FFP, Suplente

Rio de janeiro
Fevereiro de 2008

A minha esposa Jaqueline

# AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por sua fidelidade, permitindo-me que chegasse até aqui, sem me desamparar em nenhum momento.

A minha esposa, pelo auxílio, carinho, companheirismo, dedicação e acima de tudo por acreditar sempre em mim.

Ao meu orientador Professor Mário Eduardo Martelotta pelo profissionalismo, atenção e paciência que foram fundamentais para o desenvolvimento deste trabalho.

A meu pai Antonio Adair e minha mãe Sonia Marilse pela preocupação, assim como minhas irmãs Maria Helena, Débora e Evelin e a todos os meus familiares.

A todos os colegas que me ajudaram, em especial, ao Cassiano e ao Jackson.

A todos do grupo Discurso e Gramática, principalmente a Cindy pelo auxílio com o *corpus* deste trabalho e a Professora Maria Maura.

# SUMÁRIO

**Índice de tabelas** ..... ix

INTRODUÇÃO .....11

1.1 Objetivos .....13

1.2 Hipóteses .....15

2. METODOLOGIA E *CORPORA*.....18

2.1 Os fatores analisados .....20

2.1.1 **Mal** e o seu alvo .....21

2.1.2 A proximidade entre o **mal** e o seu alvo .....22

2.2 Posições do **mal** na cláusula .....22

2.2.1 Posições do **mal** relativas a verbos .....22

2.2.2 Posições do **mal** relativas a advérbios e adjetivos/particípios.....26

2.3 Os tipos de verbos.....26

2.4 O grau de encaixamento das cláusulas.....31

2.5 O item **mal** em *corpus* da língua portuguesa .....34

3. REVISÃO DA LITERATURA .....39

3.1 Visão tradicional .....39

3.2 **Mal** de acordo com a visão de Neves (2000) .....44

4. ANÁLISES FUNCIONALISTAS SOBRE OS ADVÉRBIOS QUALITATIVOS.....47

4.1 O trabalho de Silva e Silva .....48

4.2 O trabalho de Moraes Pinto .....50

4.3 O trabalho de Benedito .....51

4.4 O trabalho de Martelotta .....53

4.5 O trabalho de Martelotta e Vlcek .....55

5. REFERENCIAL TEÓRICO .....57

5.1 Funcionalismo norte-americano .....57

5.2 Gramaticalização .....58

5.3 A gramaticalização e o grau de encaixamento das cláusulas .....59

5.4 Gramaticalização, pressuposição discursiva e estrutura sintática .....61

6. OS USOS GRAMATICALIZADOS DO ITEM **MAL** .....64

6.1 **Mal** como prefixo .....64

6.2 **Mal** como conjunção .....66

6.3 **Mal** com valor predicativo .....67

6.4. **Mal** com valor de negação e negação retórica .....69

6.4.1 **Mal** com valor de negação .....70

6.4.2 **Mal** com valor de negação retórica .....72

7. ANÁLISE DOS DADOS .....75

7.1 **Mal** e os tipos de verbos no português arcaico .....75

7.1.1 **Mal** e o grau de gramaticalização das cláusulas no português arcaico .....77

7.1.2 **Mal** ligado a adjetivo/particípio no português arcaico .....79

7.1.3 A proximidade entre o **mal** e o seu alvo no português arcaico .....80

7.2 **Mal** e os tipos de verbos no português moderno I .....81

7.2.1 **Mal** e o grau de gramaticalização das cláusulas no português moderno I .....83

7.2.2 **Mal** ligado a adjetivo/particípio no português moderno I .....84

7.2.3 A proximidade entre o **mal** e o seu alvo no português moderno I .....85

7.3 **Mal** e os tipos de verbos no português moderno II .....85

7.3.1 **Mal** e o grau de gramaticalização das cláusulas no português moderno II .....88

7.3.2 **Mal** ligado a adjetivo/particípio no português moderno II .....89

7.3.3 A proximidade entre o **mal** e o seu alvo no português moderno II .....90

7.4 **Mal** e os tipos de verbos no português contemporâneo .....90

7.4.1 **Mal** e o grau de gramaticalização das cláusulas no português contemporâneo...92

7.4.2 **Mal** ligado a adjetivo/particípio no português contemporâneo .....93

7.4.3 A proximidade entre o **mal** e o seu alvo no português contemporâneo .....93

7.5 A trajetória e os tipos de verbos relacionados ao uso de **mal** negação e ao uso negação retórica no português escrito .....93

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....96

9 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....99

**Lista de tabelas**

Tabela 1: Distribuição do advérbio **mal** pelos tipos de verbos em textos do português arcaico.....75

Tabela 2: Distribuição do **mal** com valor de negação pelos tipos de verbos em textos do português arcaico.....76

Tabela 3: Distribuição do advérbio **mal** pelos tipos de cláusulas no português arcaico.....78

Tabela 4: **Mal** modificando adjetivo/particípio no português arcaico .....79

Tabela 5: Distribuição do advérbio **mal** pelos tipos de verbos em textos do português moderno I .....81

Tabela 6: Distribuição do **mal** com valor de negação e de negação retórica em textos do português moderno I .....82

Tabela 7: Distribuição do advérbio **mal** pelos tipos de cláusulas no português moderno I .....83

Tabela 8: **Mal** modificando adjetivo/particípio no português moderno I .....84

Tabela 9: Distribuição do advérbio **mal** pelos tipos de verbos em textos do português moderno II .....85

Tabela 10: Distribuição do **mal** com valor de negação e de negação retórica em textos do português moderno II.....86

Tabela 11 Distribuição do advérbio **mal** pelos tipos de cláusulas no português moderno II .....88

Tabela 12: **Mal** modificando adjetivo/particípio no português moderno II .....89

Tabela 13: Distribuição do advérbio **mal** pelos tipos de verbos em textos do português contemporâneo.....90

Tabela 14: Distribuição do **mal** com valor de negação e de negação retórica em textos do português contemporâneo .....91

Tabela 15 Distribuição do advérbio **mal** pelos tipos de cláusulas no português contemporâneo .....92

Tabela 16: **Mal** modificando adjetivo/particípio no português contemporâneo .....93

Tabela 17: Distribuição do **mal** com valor de negação e de negação retórica pelos séculos do português.....94

# INTRODUÇÃO

O presente trabalho constitui uma pesquisa sobre os processos de mudança de ordenação do item lingüístico **mal**, baseada no enfoque funcionalista. Sabemos que os qualitativos[1] são uma categoria dos advérbios predicativos, os quais se caracterizam por constituírem argumentos de segunda ordem e também por modificarem a ação ou qualidade atribuída ao sujeito. Segundo Ilari et alii (1996) "paralelos à construção como substantivo, que expressa qualidade, esses advérbios modificam o sentido dos elementos a que se referem (...) Entre esses advérbios se encontram: ***mal***, *bem*, *assim*, etc.".

A motivação para esta nossa análise do vocábulo **mal** surgiu a partir de uma pesquisa monográfica, em que observamos a posição do advérbio qualitativo **bem,** em textos do século XIX, na qual já havíamos percebido esta mobilidade com este advérbio (Benedito, 2004). Houve, então, interesse em prosseguir os estudos sobre advérbios qualitativos numa abordagem diacrônica, tendo como objeto de estudo o vocábulo **mal**, na modalidade escrita do português.

O **mal**, como advérbio qualitativo modificador de verbos, apresenta uma posição mais fixa no português contemporâneo[2], ou seja, esse item aparece somente após o verbo a que faz referência, conforme o exemplo a seguir:

(1) Sempre que um marginal era posto em liberdade sob olhar perplexo da sociedade, a justificativa protocolar era sempre a mesma: a política corrupta e incompetente trabalhou **mal**. (Jornal Extra)

---

[1] Tendo como base Ilari et alii (1996), adotamos o termo *advérbio qualitativo*, para fazer referência aos tradicionalmente denominados advérbios de modo.

[2] Para a análise do item **mal**, dividimos os textos em períodos da seguinte forma: português arcaico: século XV; português moderno I: séculos XVI e XVII; português moderno II: séculos XVIII e XIX e português contemporâneo: séculos XX e XXI.

Contudo, estudos anteriores, tais como Silva e Silva (2001) e Martelotta (2004) indicam que esta não era a única posição desse item, uma vez que em textos mais antigos era também comum a presença de **mal** com valor de advérbio qualitativo aparecendo antes do verbo que ele tinha como alvo, como no exemplo do português do século XIX, apresentado em (2):

(2) Bem persua|didos estamos, S*enho*r Redactor, e que a única | resposta que deveriamos dar a esse descom|passado atrevimento, era o desprezo condig|no do autor ou autores do immortal padrão | dos decantados – *Liberaes* – e que propal|lando tantas igualdades, tantos cummunis|mos e democracias julgão viz e indignos de | servirem os empregos publicos aos de mais | cidadãos, que não poderão, como o autor | ou autores do *Ferrão* ir a S*ão* Paulo para lá | bem principiarem e **mal** acabarem. (PHPB)

Já o advérbio qualitativo **mal**, como modificador de advérbios, adjetivos e principalmente particípios parece não ter tido suas tendências de ordenação modificadas do português arcaico até os dias de hoje, como se vê nos exemplos abaixo da fase arcaica e atual do português, respectivamente:

(3) Depois desto, hu~u~ caudell de Roma, que auia nome Cipiam, foy sobre a cidade de Cartago e tomou-a, e ento~ triinta mil home~e~s e viinte e cinquo mil molheres se dero~ em catiuo ante que perecerem per morte, ca, quando uirom que a cidade no~ se podia defender, sayrom fora descalços e **mal** vistidos e as molheres co~ as cabeças desapostadas. (Orto do Esposo)

(4) já que no metrô até a Barra nem pensar, ruas **mal** pavimentadas e cheias de buracos (Jornal O Globo)

Mesmo tendo como objeto principal de análise o advérbio qualitativo **mal** e sua ordenação, observaremos também outros usos, tais como conjunção, prefixo e o **mal** com valor de negação e de negação retórica, uma vez que todos eles são oriundos do valor adverbial de **mal**, através de processos de gramaticalização. Também verificaremos neste trabalho um novo uso do **mal** denominado *predicativo*, não previsto nas gramáticas tradicionais ou nos estudos anteriores acerca desse elemento lingüístico.

## 1.1 Objetivos

Nesta pesquisa tivemos como principal objetivo, analisar quantitativa[3] e qualitativamente o advérbio **mal** no português escrito, partindo do pressuposto de que houve uma gradativa perda de mobilidade, culminando na posição atual desse advérbio. Para isso, utilizamos textos que vão do português arcaico ao português contemporâneo, separados conforme sua tipologia.

Para esta análise formulamos os seguintes objetivos específicos:

a) Analisar a ordenação do item **mal**, diacronicamente, com o intuito de demonstrar que até o século XIX ainda era possível observar esse item como advérbio qualitativo nas posições pré e pós-verbal e que houve uma perda de mobilidade do referido item ao longo dos

[3] Apesar de essa pesquisa ter um caráter quantitativo, não obtivemos muitos dados do **mal** funcionando como advérbio qualitativo, embora tenhamos analisado uma quantidade considerável de material. Encontramos muitas ocorrências desse item como substantivo, em construções do tipo *fazer **mal***, com o valor de negação e negação retórica, como prefixo e, em número menor de ocorrências, como conjunção, os quais, com exceção do valor negação e negação retórica, não serão quantificados em tabelas.

séculos, acarretando seu aparecimento quase categórico na posição pós-verbal a partir do início do século XX.

b) Verificar se a gradativa perda de mobilidade de **mal** efetivamente se dá em decorrência do nível de gramaticalização que caracteriza a cláusula em que ele ocorre. Ou seja, observar se essa perda de mobilidade começa a ocorrer nas cláusulas que apresentam menor grau de encaixamento, isto é, nas menos gramaticalizadas e, conseqüentemente, se o conservadorismo sintático das cláusulas mais gramaticalizadas faz com que o advérbio se mantenha na posição pré-verbal, característica do latim (Martelotta e Processy; 2006).

c) Com base no princípio de que os advérbios são termos de valor determinante, pretendemos observar se o qualitativo **mal** ocorre próximo a verbos que modifica. Esse objetivo se relaciona com o princípio de iconicidade, mais especificamente ao subprincípio da proximidade (Givón: 1990), que propõe uma relação entre proximidade semântica e proximidade sintática. Nesse sentido, advérbios que se referem a aspectos mais essenciais da ação verbal, ocorrem mais próximos ao verbo. Assim, os advérbios qualitativos, que modificam o verbo, tendem a aparecer imediatamente próximos ao seu alvo: antes ou depois.

d) Observar os usos gramaticalizados do **mal**, tais como conjunção, prefixo, negação e negação retórica, que ocupam uma posição relativamente mais fixa na cláusula, ou seja, a pré-verbal.

e) Observar o uso de **mal** com valor predicativo, relativamente comum no português arcaico.

f) Verificar se o advérbio **mal**, modificando advérbios e principalmente particípios ou outros adjetivos apresenta posição específica, mais fixa na cláusula, ou seja, pré-verbal.

## 1.2 Hipóteses

Este trabalho partirá das seguintes hipóteses:

a) Com relação aos advérbios, até o século XIX, era comum encontrá-los nas posições pré ou pós-verbais, inclusive aqueles que atualmente não ocupam mais essas posições, como os qualitativos, dentre os quais se encontram **mal**, **bem**, etc, os intensificadores, e os locativos. A partir de meados século XIX essa posição pré-verbal passa a ser ocupada pelos advérbios supracitados apenas em estruturas lexicalizadas em que esses advérbios se juntam a infinitivos como prefixos, em casos como: *malconfiar*, *maldizer*, *mal-estar*, *malfazer*, *malferir*, *malparar*, *malquerer*, *mal-usar*, entre outras com o item **mal** e *bem-querer*, *bem-estar*, *bem-fazer*, *bendizer*, *benzer* entre outras com **bem**.

b) No que tange aos advérbios modificadores de verbos, a mudança de ordenação parece estar ligada ao processo de gramaticalização sofrido por determinadas estruturas sintáticas. Desta forma, até o século XIX, ainda é possível encontrar o advérbio qualitativo **mal**, em posição pré-verbal, nas estruturas que apresentam maior conservadorismo sintático, ou seja, nas cláusulas que apresenta maior nível de encaixamento estrutural como as

subordinadas (sobretudo reduzidas) e as hipotáticas, pois estas tendem a apresentar maiores restrições no que diz respeito à mudança na ordenação de seus elementos. Em contrapartida, a cláusula *principal declarativa, afirmativa, ativa*, *neutra,* conforme Givón (1979) é menos pressuposicional, no sentido de que sua interpretação depende de menos material inferível do que a interpretação das demais estruturas. Tal fato confere a esse tipo de cláusula maior liberdade e variedade de seus elementos significativos.

Logo, acreditamos que **mal,** na posição pré-verbal latina, começa a desaparecer na cláusula *principal declarativa, afirmativa, ativa*, *neutra* ficando ainda perceptível nas cláusulas que apresentam maior nível de encaixamento e, posteriormente, desaparecendo também destas. Sendo assim, esperamos que, ainda no português moderno II, encontremos o **mal** nas posições pré e pós-verbal e, no português contemporâneo, somente o registremos como advérbio qualitativo na posição pós-verbal.

c) Adotamos como hipótese que os advérbios, por serem elementos de valor determinante, devam ocorrer próximos aos elementos que modificam, relacionando-se assim ao princípio de iconicidade, mais especificamente o subprincípio da proximidade de Givón (1990) o qual propõe que elementos que têm uma relação semântica mais próxima entre si devem ocorrer mais próximos na sentença. Deste modo, os qualitativos, modificando verbos, aparecerão imediatamente antes ou depois destes.

d) Advérbios qualitativos como **mal** tendem a cumprir uma trajetória de gramaticalização *modo* > *texto*, passando a desempenhar funções típicas de conectivo.

e) Quando o alvo do item **mal** é um particípio, um adjetivo ou um advérbio, o referido item ocorrerá antes dele, conforme pressuposto da pesquisa desenvolvida por Martelotta e Leitão (2002), que propõe a não existência de mudança de ordenação. Ou seja, o **mal** se colocará antes do elemento a que se refere, desde a fase arcaica do português. É também por essa razão, que esse advérbio tende a se fixar a adjetivos e particípios como um prefixo, em casos como *malcheiroso*, *malformado*, entre outros.

f) O **mal** como qualitativo aparecerá mais ligado a verbos materiais, pois neste uso, o qualitativo em estudo está relacionado a ações, modo, ocorrências e processos do dia-a-dia. Já o item **mal** com valor de negação deverá aparecer mais ligado a verbos cognitivos e modais. Entretanto, com o tempo esse valor do **mal** tem seu conjunto de usos ampliado no sentido de passar a poder modificar também outros tipos de verbo. Com isso o item em estudo vai adquirindo um novo valor a partir do primeiro, que reflete mais subjetivismo e interpessoalidade do falante: o valor que aqui chamamos de negação retórica.

## 2. METODOLOGIA E *CORPORA*

Neste trabalho, fizemos uma análise empírica, quantitativa e qualitativa, utilizando textos do português escrito do século XV ao século XXI, separados conforme sua tipologia e época[4]. A análise desses *corpora* teve como objetivo verificar as seguintes variáveis: (i) a posição do advérbio **mal** em relação ao seu alvo, (ii) a classe gramatical do elemento que funciona como alvo do advérbio, (iii) a proximidade entre ele e o seu alvo, (iv) o grau de gramaticalização das cláusulas, (v) o tipo de verbo a que esse advérbio se refere.

Após a classificação do **mal** nos textos, elaboramos tabelas quantificando e organizando as ocorrências do advérbio em estudo, segundo os fatores analisados: a ordem do qualitativo **mal** na cláusula, a relação entre o advérbio e o seu alvo e o tipo de verbo a que o **mal** se refere. Essas tabelas, bem como sua análise encontram-se no capítulo análise dos dados.

Devemos ressaltar que não quantificamos os valores negação e negação retórica nas tabelas referentes à ordenação, uma vez que o **mal** nesses casos não é advérbio qualitativo, apresentando, portanto, posição mais fixa. Além disso, por se tratarem de usos mais específicos de **mal**, organizamos esses valores em tabelas distintas, em que detalhamos os tipos de verbos a que eles se associam nas cláusulas analisadas, comparando-os com o **mal** adverbial.

Elaboramos também uma tabela organizada por séculos, a fim de obtermos uma visão mais abrangente dos usos negação e negação retórica diacronicamente, demonstrando os tipos de verbos com que estes usos aparecem e assim, podermos observar as mudanças de comportamento dos referidos usos no português escrito.

---

[4] Ressaltamos que os exemplos referentes ao português arcaico estão descritos tais como os encontramos no documento eletrônico.

O **mal,** com valor de substantivo e de adjetivo, que registramos em todas as modalidades do português, não são do interesse deste trabalho. Por essa razão, descartamos da análise acerca da ordenação esses casos, que não estarão quantificados nas tabelas, fato que reduziu consideravelmente o número de ocorrências. Seguem os exemplos dos casos citados acima:

(5) E ainda deve homem d'aver por benefi´cios de D(eu)s tribullaço~oes, infirmidades e desp(re)ços e dar graças a D(eu)s por o bem e proveito que nos fazem;e nom se queixar nem braadar p(er) murmuraçom ou impacie^ncia, como a maa pesoa que braada q(ua)ndo a fere seu d(i)r(ei)to marido algu~u pouco, mes todo **mall** que seu rriballdo lhe faça, ella o sofre ledament(e). (Castelo Perigoso)

(6) E a quaaes ajudas som pera a uilhice criares tu aquelle que per ue~tura morrera primeyro que tu, ou sera de **maos**[5] custumes ou certame~te, quando chegar a hidade conprida, parecer-lhe-a tarde a tua morte? (Orto do Esposo)

Descartamos também deste trabalho as ocorrências do **mal** em que ele aparece ao lado dos verbos *fazer, querer* e *obrar*, pois junto a esses verbos registramos **mal** intensificado pelo vocábulo *tanto* e, como este intensificador aparece ao lado de substantivos, optamos por considerá-lo como tal. Observamos esse emprego do **mal** em (7):

[5] Silva e Silva (2001) fala da grafia do **mal** como adjetivo, registrando nos *corpora* duas possibilidades: **maao** e **mao** no português arcaico, assim como encontramos nos textos analisados dessa Dissertação. Entretanto, Silva e Silva (2001) diz que Huber (1986) ao tratar dos adjetivos, observou paralelamente o uso das formas **mal** e **mao**, ambas do latim (forma latina de **malu**) nesse mesmo período do português.

(7) E, quando chegaro~ ao loguar, veo logo o diaboo tosteme~te e, quando [foy] perto delles, no~ se ousou cheguar mais começou de tremer e auer grande pauor e asanhar-se e disse ao caualeyro: Oo, falso e muy desleal caualeyro, porque me fezeste tam grande escarnho e me fezeste tanto **mal** por muytos beens que te eu figi? Tu me prometeste que me trarias tua molher, e trouueste Maria. (Orto do Esposo)

Entretanto, consideramos que **mal** apresenta valor adverbial, nas construções em que o mesmo aparece ao lado de verbos como *dizer* e *passar,* como registramos em (8) e (9) respectivamente.

(8) E pellas orelhas, assi como em ouvir de boa ment(e) as va~as palavras do mundo e os malldizent[e]s e louvaminheir(os) e mentidores e enguanador[e]s, e out(r)as palav(r)as çujas e sandias. Sam Bernardo diz: "Eu nom sei quem peca mais, ou aquelle que diz **mall** d'outrem, ou aquelle que de boa voontade o escuita; que, se nom fossem os que escuitam, nom averia hi malldizent[e]s"

(9) Na madrugada de terça-feira, passou **mal** e foi levada a um hospital público. (Jornal Extra)

## 2.1 Os fatores analisados

Apresentaremos a seguir os fatores que nortearam a análise dessa pesquisa. Além da época em que os textos foram escritos e de sua tipologia textual, também levamos em conta o alvo do item **mal**, a proximidade entre **mal** e o seu alvo, os tipos de verbo

(naqueles casos de advérbios referentes a verbos e nos casos do **mal** com valor de negação e negação retórica) e o grau de gramaticalização das cláusulas.

### 2.1.1 **Mal** e o seu alvo

Estamos aqui chamando de alvo o termo a que o vocábulo **mal** se refere. Em relação a essa variável, o advérbio pode fazer referência a verbos, como no exemplo abaixo:

(10) A mim, graças a S. Benedicto, de que Sou irmão, não/ me chegou **mal**. Só tive augmentos; e senão veja;/ (PHPB)

No exemplo acima, classificamos o **mal** como qualitativo, já que de acordo com Ilari et al. (1996), os chamados advérbios qualitativos, paralelamente com a construção substantivo/adjetivo, modificam o sentido do elemento a que fazem referência.

Verificamos também que o **mal** pode fazer referência a um adjetivo/particípio[6]:

(11) Os partidos | porêm são incomprehensiveis quando se des- | orientao, quando os mais habeis fogem de | dirigil-os, e deixão esse trabalho aos mais | fogosos: fação os opposicionistas exame de | consciencia e terão de confessar que vão | **mal** dirigidos e que a opinião publica, o | povo, quando repousado e calculo sempre | [ilegível] | dando da opposição, e perdendo a fé em suas promessas. (PHPB)

[6] Para evitar os problemas envolvidos na distinção entre particípio e adjetivo, não estabeleci esta distinção, tratando os dois como uma única classe.

Na ocorrência acima, **mal** modifica claramente a forma participial *dirigidos*, colocando-se antes de seu alvo. Embora mencionemos esse tipo de uso em nosso trabalho, o foco aqui está nos casos de **mal** referentes a verbos – já que esses apresentaram mudança em suas tendências de colocação – e nos usos derivados desse uso, sobretudo os valores de negação e negação retórica, que são pouco analisados em trabalhos anteriores.

### 2.1.2 A proximidade entre **mal** e o seu alvo

Partimos, neste trabalho, da premissa de que os advérbios são termos de valor determinante. Acreditamos que, por essa razão, **mal** deva aparecer próximo ao termo que vai ser modificado por ele, ou seja, antes ou depois.

## 2.2 Posições de **mal** na cláusula

Na tentativa de dar conta de todas as possibilidades de colocação do item em estudo, analisamos a distribuição de **mal** tomando como base seu alvo, ou seja, o elemento a que ele se refere, conforme Martelotta (2004).

### 2.2.1 Posições de **mal** relativas a verbos

Procuramos observar a distribuição de **mal** em relação ao verbo a que este qualitativo faz referência. Encontramos o advérbio em estudo nas seguintes posições:

a) Posições pré-verbais:

**Mal + verbo (A+V)**[7]

(12) Em muitas outras maneiras pecam os home~es p(er) soberva, assi como em buscar avantajadas rroupas e nobres, muito estreitas ou muito larguas, ou mui curtas ou mui longuas, e estreitas manguas e rricos apostament(os), e em desobedeecer a se(us) maior(e)s ou em **mall** obedeecer, assi como sosteer se(us) fe(i)tos e suas openio~oes e muito defender suas minguas //em// e suas fallas em capitollio; (Castelo Perigoso)

**Mal + Verbo + Sujeito (A+V+S)**

(13) E sabido por el rey estas novas, fez comselho damdo conta aos grandes de seu reynno da carta e recado que tinha de Melinebiquy seu capita~o, e governador do reyno de Bisnaga, e quoa~o **mal**l lhe obedecia~o os senhores da terra, mas antes cada hu~u era rey e senhor dos que querya como tinha algu~u poder, sem aver justiça entre elles nem pessoa a que quyzese obedecer; que hera ho que lhes parecya, e ho que nisso devya~o e podia~o fazer pera que hu~a tamanha terra e ta~o rica se na~o perdesse, pois que tanto trabalho e dinheiros e vidas de seus naturaes custara~o ganhallas. (Crônicas dos Reis de Bisnaga)

**Sujeito + Mal + Verbo (S+A+V)**

(14) ... porque preegas aos outros que viva b~e, pois tu **mal** viver queres? (Livro das Aves)

[7] As formas abreviadas que estão entre parênteses são as mesmas que serão encontradas nas tabelas.

**Mal + Sujeito + Verbo (A+S+V)**

(15) ...tudo o que lhe era necessaryo pera sua defemssa~o, na~o cesamdo os d elrey de combaterem a cidade. Vemdo os capitae~es quoa~o **mal** os seus se chegava~o (Crônicas dos Reis de Bisnaga)

b) Posições pós-verbais:

**Verbo + Mal (V+A)**

(16) ... mas que a Não que tinhão lhes tolhia o tal acometimento, por ser muyto zorreyra, & aguardar **mal** a vela, & ser roim de leme... (Naufrágio que passou Jorge D'Albuquerque Coelho, Capitão e Governador de Pernambuco)

**Verbo + Mal + Sujeito (V+A+S)**

(17) Tragia mal Isac (Bíblia Medieval)

**Sujeito + verbo + X[8] + Mal (S+V+X+A)**

(18) Onde conta Seneca e Ualerio Maximo que diserom hu~a vez a hu~u~ filosafo que auya nome Atitanes, que hu~u~ home~ disera delle **mal** e o doestara, (Orto do Esposo)

[8] Consideramos como X todos os elementos que aparecem entre o advérbio e o seu alvo, excetuando clíticos, que, por sua natureza, tendem a ocorrer mais próximos ao verbo e elementos pertencentes ao próprio sintagma adverbial, como o intensificador *muito* em casos do tipo: *muito bem*.

**Sujeito + Verbo + Mal (S+V+A)**

(19) Quando o envejoso vee ou ouve os be~es de taaes pesoas; elle os prasma, quando pode, poll(os) abater. E se algue´m diz **mall**, elle se alegra e ajunta hi do seu. (Castelo Perigoso)

**Verbo + Sujeito + Mal (V+S+A)**

(20) No~ disse elhe **mal** a my~, mas a aquelle que conhece en ssy aquello que elhe culpa; (Orto do Esposo)

**Verbo + Verbo + Mal (V+V+A)**

(21) Leis que elles mes- | mos jurarão cumprir, e guardar, | pelo atributo Imperial de agraciar| em algum caso, ou para com ou- | tro individuo particular; mas nun- | ca em casos [.] para com in- | dividuos, de cuja impunidade póde | vir **mal**, e ruina, a essa mesma | Religião, Realeza, e Sociedade, || de que são Chefes, Imperadores | Reis, e Ministros, pelo poder, e | vontade de hum Deos. (PHPB)

2.2.2 – Posições do **mal** relativas a adjetivos/particípios

Nesse caso, obtivemos as seguintes posições:

**Mal + adjetivo/particípio**

(22) O Diabo tentou a Cristo no deserto, tentou-o no monte, tentou-o no templo: no deserto, tentou-o com a gula; no monte, tentou-o com a ambição; no templo, tentou-o com as Escrituras **mal** interpretadas, e essa é a tentação de que mais padece hoje a Igreja, e que em muitas partes tem derrubado dela, senão a Cristo, a sua fé. (Sermão da Sexagésima)

**Particípio/adjetivo + Mal**

(23) Se eu achar h~uu cavalo pensado tam **mal** que per myngua de penso possa morrer (Livro de Ensinança de Bem Cavalgar Toda sela)

2.3 Os tipos de verbos

Procuramos observar o tipo de verbo a que o item **mal** se refere. Desse modo, utilizamos a classificação de verbos contida em Martelotta (2004), baseada numa proposta retirada de Scheibman (2001) que, por sua vez, toma como base classificações apresentadas em Halliday (1994) e Dixon (1991).

Além disso, foram acrescentadas a Martelotta (2004) algumas poucas classificações que devem, na realidade, ser compreendidas como subclassificações, já que apresentam subtipos dos tipos de verbos já apresentados por Scheibman, oferecendo, assim, maior precisão às classificações. No entanto, não utilizamos todas as classificações, uma vez que não encontramos todos os tipos verbais sugeridos pela classificação adotada nesta pesquisa.

1. **Verbos corpóreos**- Indicam ações ou processos que, de certo modo, expressam uma atividade fisiológica ou corpórea. Esses verbos podem expressar;

1.1 Processos ou ações ou processos relativos a atividades fisiológicas propriamente ditas, quer dizer, relacionam-se com a movimentação interna do organismo e não somente com atitudes externas, como comer, beber, fumar, bocejar, tossir, espirrar, etc.

1.2 Processos referentes a reações corpóreas conforme o ambiente: gripar, adoecer, etc.

1.3 Processos corporais em conseqüência a aspectos psicológicos, tais como, chorar, rir, ruborizar, tremer (de medo), etc.

1.4 Processos corporais conseqüentes de aspectos naturais ou físicos: suar (em conseqüência do calor), tremer (em conseqüência do frio), etc.

Devemos destacar, no entanto, que casos como *O corpo* ***queimou***, ou *O braço* ***quebrou***, pois não se tratam de reações produzidas pelo próprio corpo, mas se apresentam como conseqüências físicas de forças externas. Nesses casos, teríamos verbos materiais.

2. **Verbos de atividade verbal**- Verbos que exprimem ações que necessitem da utilização de palavras faladas ou escritas, como, falar, dizer, resmungar, reclamar, conversar, responder, anunciar, escrever, etc.

2.1 Verbos performativos- Verbos cuja enunciação realiza a ação que eles exprimem.

Como observação, destacamos que aqui se enquadram os verbos performativos, que por si só expressam os atos de fazer algo. São exemplos de performativos verbos como *ordenar* (Eu *ordeno* que você pare), *declarar* (Eu os *declaro* marido e mulher), *prometer* (Eu *prometo* chegar cedo) *jurar* (*Juro* dizer somente a verdade), entre outros. Esses verbos também se enquadram entre os de atividade verbal porque esses atos (prometer, jurar, etc.) só se produzem através do uso da palavra.

3. **Verbos de sentimento**- Verbos que indicam emoções e desejos.

3.1 Com o sujeito como experienciador: gostar, amar, querer, precisar, necessitar, etc.

3.2 Com o alvo como experienciador: amedrontar, enraivecer, preocupar, intimidar, envergonhar, etc.

4. **Verbos de percepção**- Verbos que indicam percepção através dos sentidos corporais. Dentre eles estão, olhar, ouvir, perceber, sentir, notar, cheirar, etc.

5. **Verbos de percepção/relacional**- Verbos que indicam a percepção que se tem de um sujeito paciente, como cheirar (a flor cheira bem), soar (isso soa bem aos ouvidos), parecer (Ela parece bem), etc.

6. **Verbos materiais**- Verbos que indicam ações e processos concretos e abstratos, que fazem parte de nossa vida social. Podemos citar:

6.1 Ações, como: fazer, ir ensinar, trabalhar, usar, brincar, viver

6.2 Processos: o arroz cozinhou, a porta bateu, o carro enguiçou, a água ferveu, etc.

Nesse tipo de verbo podemos destacar que esses processos se relacionam diretamente com atividades humanas e culturais, o que os torna diferentes dos que caracterizam os verbos existenciais. Além dessas características, destacamos que entre os verbos materiais estão verbos de caráter conativo, como *persuadir*, *dissuadir*, *induzir*, *instigar*, *convencer*, *influenciar*, que, ao contrário dos verbos performativos, exprimem atos que não precisam obrigatoriamente de palavras: um gesto silencioso ou uma atitude de uma pessoa pode induzir/ persuadir/ convencer/ influenciar/ etc. o outro a tomar ou não uma determinada atitude.

7. **Verbos de cognição**- São os que indicam atividade envolvendo processos cognitivos (ação, como *pensar*; processo, como *lembrar* ou estado, como *saber* + ter conhecimento), tais como: saber, pensar, lembrar, etc.

8. **Verbos de crença**- Verbos de estado que estão na fronteira entre cognição e sentimento, mas expressam algo intermediário: indicam a crença do sujeito em relação a algo do mundo real: acreditar, crer, confiar, etc.

9. **Verbos existenciais**- Indicam processos naturais, que não dependem da vontade ou da atuação humana, como: existir, chover, acontecer, etc. Em casos como *a árvore cresceu*, temos um verbo existencial, uma vez que se trata de um processo natural que ocorre independentemente da vontade ou até do conhecimento dos humanos.

10. **Verbos relacionais**- São os chamados por Halliday:

10.1 Relacionais intensivos (X é A): Sara é esperta.

10.2 Relacionais circunstanciais (algo que é mutável): A feira é na rua tal. Ele está em casa. Amanhã é dia 10.

11. **Verbos possessivos/relacionais**- Indicam posse material ou abstrata: possuir (dinheiro), ter (habilidade), etc.

12. **Verbos modais**- Expressam a categoria gramatical da modalidade associada às noções de obrigação, permissão, proibição, necessidade, possibilidade e capacidade. Como exemplos, temos: poder, dever, ter que/ter de, entre outros.

13. **Verbos leves**- Verbos com pouca ou nenhuma noção semântica, que precisam se juntar a um objeto direto para assumir um valor específico, visto que é esse objeto que dá seu valor semântico à expressão. Conforme os exemplos: O verbo *Fazer* (em fazer *a barba* = barbear-se, ***fazer*** *uma visita* = visitar, etc.), opondo-se, por exemplo, a *o carpinteiro* ***fez*** *uma cadeira*, em que o verbo assume o valor de construir; *dar* (em ***dar*** *uma olhada* = olhar, ***dar*** *um susto* = assustar, etc.), em contraste com *ele* ***deu*** *o livro ao colega*, em que o verbo assume o valor de transferência de posse.

Observamos, porém, que a classificação dos verbos não é algo tão fácil de ser feita, dependendo essencialmente do contexto em que se dá a ocorrência. Em outras palavras, os verbos podem apresentar mais de uma classificação de acordo com o texto em que estão inseridos e também pelo fato de nem sempre ser possível enquadrá-los de forma rígida em determinada classificação.

## 2.4 O grau de encaixamento das cláusulas

Nesta seção apresentaremos sucintamente o esquema da gramaticalização de cláusulas de acordo com o princípio de Hopper e Traugott (2003): parataxe, hipotaxe e subordinação, pois detalharemos e esquematizaremos o mesmo princípio posteriormente.

Conforme veremos mais adiante, no referencial teórico, Hopper e Traugott (2003) hierarquizam os períodos complexos, com base em uma trajetória com três pontos de aglomeração, como se segue:

| | | | | |
|---|---|---|---|---|
| parataxe | > | hipotaxe | > | subordinação |
| -dependente | | +dependente | | +dependente |
| -encaixada | | -encaixada | | +encaixada |

Esses níveis de encaixamento de cláusulas caracterizam-se por uma trajetória de gramaticalização em direção a estruturas mais encaixadas, ou, em outras palavras, mais gramaticalizadas. Isso significa que as cláusulas subordinadas são mais gramaticalizadas do que as hipotáticas, por apresentarem níveis maiores de dependência e encaixamento. Do mesmo modo, as cláusulas hipotáticas são mais gramaticalizadas do que as paratáticas.

As cláusulas reduzidas devem ser compreendidas, com base em Givón (1990), como apresentando níveis maiores de integração. O autor propõe ainda que a existência de diferentes graus de encaixamento ou integração entre a cláusula principal e sua subordinada com função de objeto relaciona-se ao conceito de iconicidade, mais especificamente ao subprincípio da proximidade. Segundo essa proposta, há um isomorfismo entre a semântica e a sintaxe da complementação verbal, no sentido de que os graus de integração sintática entre as cláusulas não refletem aspectos arbitrários, sendo, ao contrário, a expressão gramatical dos níveis de vinculação semântica entre o evento expresso pela cláusula principal e o expresso pela subordinada. Vejamos agora exemplos desses tipos de cláusulas retirados do *corpus*:

a) Parataxe: cláusulas que apresentam baixo grau de encaixamento.

(24) Bem persua|didos estamos, S*enho*r Redactor, e que a única | resposta que deveriamos dar a esse descom|passado atrevimento, era o desprezo condig|no do autor ou autores do immortal padrão | dos decantados – *Liberaes* – e que propal|lando tantas igualdades, tantos cummunis|mos e democracias julgão viz e indignos de | servirem os empregos publicos aos de mais | cidadãos, que não poderão, como o autor | ou autores do *Ferrão* ir a S*ão* Paulo para lá | bem principiarem e **mal** acabarem.

b) Hipotaxe: cláusulas que apresentam um pouco mais de dependência entre si.

(25) tanto que soube de como ho ydallca~o hera desbaratado, tornou atras pera se meter na cidade, mas os de demtro o na~o quisera~o acolher, por estarem **mal** com elle, o outro capita~o que na cidade ficou; elle vemdo em como o na~o querya~o acolher, foy lhe forçado buscar por homde se sallvase, e asy o fez, que foy passar o ryo por outro vaao que tinha abaixo, por homde se salvou, o parecer de muytos foy que o que estava dentro lhe pareceo que ficava com a cidade, e que se allçarya com ella, e por tanto o na~o quis acolher. (Crônica dos Reis de Bisnaga)

c) Subordinação: cláusulas que apresentam dependência total entre si.

(26) Este aparte é filho do desmesurado amor-próprio, de um | orgulho que lhe assenta muito **mal**: o collega ainda não tem | visto e tratado feridas contusas em diversos grãos; não tem | comparado as vantagens de um e outro methodo de tratamento; | ainda não se

achou em luta em certas dificuldades, que só se | revelão no objeto clínico; emfim não tem pratica, e cham de | antilogicos Berard e Denovilliers!

2.5 O item **mal** em *corpus* da língua portuguesa

Nesta seção, apresentamos os *corpora* da pesquisa bem como os dividimos. Para isso, cabe ressaltar que utilizamos diversos textos, numa abordagem diacrônica, partindo do português arcaico ao português contemporâneo, dividindo-os conforme o século e a tipologia. Agrupamos esses *corpora* em: português arcaico, português moderno I, português moderno II e português contemporâneo, seguindo a tradição filológica de Melo (1975). Contudo, usamos como base a subdivisão apresentada em Silva e Silva (2001), no que diz respeito ao português moderno, conforme a divisão da autora: português moderno I e II. Segundo Silva e Silva (2001:14)

> *esta subdivisão da fase moderna se deu em função da hipótese de Pagoto (apud Martelotta e Leitão:1999) que prevê mudanças nas tendências de colocação dos advérbios qualitativos, intensificadores e locativos, dentre os quais está inserido o* ***mal****, a partir do século XIX.*

Dessa forma, separamos os *corpora* para a análise do **mal** segundo o esquema abaixo:

**TEXTOS ARCAICOS**

**Século XV**

**a) Textos Religiosos**

*Bíblia Medieval Portuguesa,* de Silva Neto (1958).

*Orto do Esposo,* de Maller (1956).

*Castelo Perigoso* (internet CIPM disponível em: www.cipm.fcsh.unl.pt/index.jsp).

*Livro das Aves,* de Rossi et al. (1965).

**b) Textos Injuntivos**

*Tratado da Cozinha Portuguesa do Século XV,* de Gomes Filho (1994).

*Livro de Ensinança de Bem Cavalgar Toda Sela,* de Piel (1944).

**c) Textos Narrativos**

*História dos Reis de Portugal* (internet CIPM disponível em: www.cipm.fcsh.unl.pt/index.jsp).

**TEXTOS DA FASE DO PORTUGUÊS MODERNO I**

**Século XVI**

**a) Texto Narrativo**

*Crônica dos Reis de Bisnaga* (internet CIPM disponível em: www.cipm.fcsh.unl.pt/index.jsp).

**Século XVII**

**a) Textos Religiosos**

Analisamos 11 sermões do Padre Antônio Vieira. São eles: *Sermão da Sexagésima; Sermão da Quinta Dominga da Quaresma; Sermão do Mandato; Sermão Segundo do Mandato; Sermão de Santa Catarina Virgem e Mártir; Sermão Histórico e Panegírico nos Anos da Rainha D. Maria Francisca de Sabóia; Sermão da Glória de Maria, Mãe de Deus; Sermão da Primeira Dominga do Advento; Sermão de São Pedro; Sermão da*

*Primeira Oitava de Páscoa* e *Sermão nas exéquias de D. Maria de Ataíde.* Material extraído em *corpus* da internet.

**b) Texto Narrativo**

*Naufrágio que Passou Jorge d´Albuquerque Coelho,* de Alvares (1955).

**Século XVIII**

**a) Cartas do PHPB**

Analisamos, do acervo do PHPB (disponível em: www.letras.ufrj.br/phpb-rj), cartas divididas nas seguintes tipologias: documentos de administração pública, documentos de administração privada e documentos particulares. Observamos também documentos oficiais do mesmo *corpus* eletrônico.

**b) Peça Popular**

Observamos do acervo do PHPB-RJ uma peça popular[9].

[9] No sítio eletrônico que consultamos, as peças populares que utilizamos não apresentam nome, por isso somente as citamos nesse capítulo da forma que as encontramos.

**TEXTOS DA FASE DO PORTUGUÊS MODERNO II**

**Século XIX**

**a) Cartas do PHPB**

Analisamos do acervo do PHPB cartas das seguintes tipologias: documentos de administração pública, documentos de administração privada, documentos particulares, documentos oficiais do mesmo *corpus* eletrônico, cartas de leitores e redatores. Nesse material utilizamos anúncios e notícias da mesma época.

**b) Peça Popular**

Uma peça popular do acervo do PHPB-RJ.

**TEXTOS DA FASE DO PORTUGUÊS CONTEMPORÂNEO**

**a) Textos religiosos**

*Ao vencedor* de Gambarini (2000).

*Amor é vida*, de Fracasso (2000).

*A águia e a galinha*, de Boff (2003).

**b) Textos Injuntivos**

*Quero Comer!!!* de Dourado (2000).

*Receitas de Cláudia para o Outono* (s/d).

*Receitas de Cláudia para o Inverno* (s/d).

*Livro de Ouro da Cozinha*, Alzugaray e Alzugaray (s/d).

**c) Textos de Jornais**

Cartas de leitores do jornal *O Globo*, dos dias 11 a 18 de março e de 16 a 23 de abril de 2007. Analisamos notícias e anúncios das referidas datas.

Seção Carta Branca do jornal *Extra*, que equivale à seção cartas de leitores. Fizemos a análise desse material entre os dias 19 e 26 de março e entre 16 e 23 de abril de 2007. Do mesmo modo, analisamos notícias e anúncios das referidas datas.

# 3. REVISÃO DA LITERATURA

A questão que envolve os advérbios apresenta muitas lacunas no que diz respeito ao seu tratamento. Por essa razão, neste capítulo, apresentaremos abordagens relativas ao **mal,** observando o tratamento dado a esse item por alguns autores, tais como: Cunha & Cintra (2001), Rocha Lima (2002), Bechara (2003), Perini (2000) e Neves (2000).

Recorremos também a literaturas, que de certa forma, pudessem auxiliar no estudo do elemento **mal**, buscando resgatar sua origem em fonte etimológica, como Cunha (1991) de modo a recuperar usos e ordenação de diferentes épocas que podem ser indícios de mudanças no português contemporâneo. Devemos ressaltar que faremos menção a essa fonte no decorrer da revisão e não em um subcapítulo à parte.

Notamos que, paralelamente a classe dos advérbios, **mal** pode apresentar outros usos que não o adverbial, tais como: substantivo, prefixo e conjunção. Trataremos, nessa revisão, desses casos na visão dos autores consultados.

## 3.1 Visão tradicional

Em Cunha & Cintra (2001), Rocha Lima (2002), Bechara (2003) e Perini (2000) observamos o uso adverbial de **mal** e também alguns casos em que ele aparece como prefixo, substantivo e conjunção.

As gramáticas, de um modo geral, conceituam o advérbio como um modificador verbal que exprime uma determinada circunstância, ou seja, tempo, modo, intensidade, etc. Observamos que os compêndios são consensuais quando tratam dos elementos que essa classe gramatical pode modificar: i) os advérbios podem se referir a verbos, ii) a adjetivos,

iii) a advérbios (funcionando como intensificador) e iv) a uma oração inteira. Conforme podemos observar o que diz Bechara (2003: 287):

> *O advérbio é constituído por palavra de natureza nominal ou pronominal e se refere geralmente ao verbo, ou ainda, dentro de um grupo nominal unitário, a um adjetivo e a um advérbio (como intensificador), ou a uma declaração inteira.*

Dentre os elementos que os advérbios podem modificar, vejamos alguns exemplos encontrados em Cunha & Cintra (2001, 541) que apresentam como advérbio o item **mal**:

a) um verbo:

(27) Você *compreendeu*-me **mal**[10]. (Almada Negreiros, NG, 61)

b) um advérbio:

(28) Mas passei a noite mal! *Bem* **mal**! (J. Régio, já, 102.)

Mesmo concordando com os demais autores no que tange à noção de modificador, Cunha & Cintra observam que dentro do grupo dos advérbios se reúnem palavras de diversas naturezas, nominal e pronominal numa classe, segundo os autores (2001: 542): "heterogênea e com distribuição e funções às vezes muito diversas". Com o interesse de investigar as mudanças que os advérbios apresentam, observamos que alguns lingüistas têm estudado essa classe, buscando reexaminar o conceito de advérbio e procurando analisar as diferentes funções que o mesmo pode apresentar na língua.

[10] Grifo do autor.

Quanto à classificação, verificamos que em todas as gramáticas **mal** é enquadrado no grupo dos advérbios de modo, aparecendo nas orações sempre após o verbo, necessariamente junto a este.

Mencionamos anteriormente que o item **mal** pode ser empregado em outras classes de acordo com o que vimos nas gramáticas. É o caso do grupo das conjunções. Os autores definem conjunção, de uma forma geral, como o termo que serve para unir orações ou relacionar dois elementos da mesma oração. Eles apresentam as conjunções em dois grandes grupos: as coordenadas e as subordinadas. Com relação a **mal**, na função de conjunção, os gramáticos em questão, com exceção de Perini (2002), enquadram-no no grupo das conjunções subordinadas temporais, pelo fato de as mesmas desempenharem funções de advérbio assim como as outras subordinadas adverbiais.

Ao analisarmos as gramáticas, novamente excetuando Perini (2002), observamos que os autores verificam outro valor para o item **mal,** diferente dos dois explicitados nessa revisão até aqui. Trata-se do aparecimento desse item junto a outro radical, através do processo de formação de palavras chamado composição.

Rocha Lima (2002, 200) define composição como:

> *o processo pelo qual se cria uma palavra pela reunião de dois ou mais elementos vocabulares de significação própria, de tal sorte que o conjunto deles passe a formar um todo com significação nova.*

Isso quer dizer que tal processo nos permite juntar elementos semanticamente distintos e criar novos vocábulos a partir dessa união, como o que ocorre com o **mal**, por exemplo.

Rocha Lima e Cunha & Cintra não atribuem ao **mal** o valor prefixal no processo de composição de palavras, no entanto, ambos classificam esse elemento como prefixo

quando tratam do emprego do hífen. Contudo, em fonte etimológica, (Cunha 1991), encontramos exemplos de **mal** como prefixo: **mal**cheiroso (século XIX), **mal**-criado (século XIV) e também registramos ocorrências de **mal** empregado nesse uso em Bechara (2003), tais como: **mal**criação e **mal**criado.

Finalmente, abordaremos outro valor que o item **mal** apresenta nas gramáticas analisadas: o substantivo. Em fonte etimológica, (Cunha 1991, 490), verificamos a seguinte definição: "Do lat. male. **Mal** sm. 'aquilo que prejudica ou fere' 'aquilo que se opõe ao bem, à virtude, à probidade'".

Todos os autores apresentam esse uso muito sucintamente, empregando-o, como exemplo de exceção à regra do plural dos substantivos terminados em *-l*. Rocha Lima (2002), por sua vez, classifica o elemento **bem**, antônimo de **mal**, como substantivo abstrato, logo, inferimos que este último também receberia a mesma classificação.

É interessante a abordagem dada por Perini (2002) ao **mal**, enquadrando-o no grupo dos que exercem a função de negação verbal plena assim como o elemento *não*. Esse autor apresenta a negação verbal como um grupo limitado, somente com **mal** e com *não*, afirmando que esses elementos exercem o mesmo papel semântico:

(29) A noiva **mal** chegou a tempo para o casório.

(30) O ministro *não* aprecia jiló.

Perini (2002) atribui ao item **mal**, no exemplo (29) valor de negação verbal, uma vez que o coloca no mesmo grupo do *não* apresentado em (30), isto é, ambos são classificados por esse autor como negadores de ação verbal. Contudo, cabe ressaltar que, segundo nosso ponto de vista, o que Perini classifica como negação verbal no exemplo

(29), atribuímos ao valor de negação retórica, visto que a ação verbal não é totalmente negada, pois inferimos do contexto apresentado nesse exemplo que a noiva chegou ao casamento, porém há uma noção de irregularidade (a ação ocorreu, todavia de forma imperfeita), podendo-se substituir o **mal** pela expressão *quase não.*

Para Perini (2002), a existência da classe adverbial é questionável, uma vez que ela é composta por elementos que podem ter características semânticas iguais e desempenhar funções sintáticas distintas, conforme os traços que eles apresentam. Como exemplo, ele destaca os itens: *não*, *rapidamente*, *completamente*, *muito* e *francamente* na seguinte classificação semântica: negação, modo e intensidade. Ele ressalta que essa classificação não deve ser descartada, porém não deve ser considerada a única fonte para a análise desses itens.

Segundo o autor, esses elementos apresentam pelo menos seis funções sintáticas distintas (negação verbal, intensificador, adjunto circunstancial, atributo, adjunto adverbial e adjunto oracional) e algumas delas desempenhadas pelo mesmo item. Portanto, Perini (2002) explicita que não devemos levar em conta somente os aspectos semânticos no que diz respeito aos advérbios, mas também as características sintáticas que os tornam diferentes entre si. Desta forma, Perini afirma que não existe uma classe que compreenda, mesmo que aproximadamente, os itens considerados pela visão tradicional como adverbiais, uma vez que as diferenças sintáticas entre estes itens são muito profundas, em parte comuns a palavras de outras classes tradicionais, sendo assim, não autorizam a postulação de uma classe única, denominada advérbio.

Outro aspecto relevante na análise de Perini (2002) gira em torno da posição do **mal** na função de negação verbal. Ele afirma que não pode haver entre a negação verbal e o verbo nenhum elemento senão os clíticos: *me*, *se*, *lhes*, entre outros, e o item negativo

deve vir necessariamente antes do verbo, ratificando, então, que o **mal**, quando se torna mais gramaticalizado, ocupa uma posição mais fixa na cláusula (posição pré-verbal), conforme hipótese proposta nessa Dissertação.

## 3.2 **Mal** de acordo com a visão de Neves (2000)

Apresentamos aqui o tratamento aos advérbios na concepção de Neves (2000) que se assemelha à forma como os gramáticos tradicionais abordam essa classe. No entanto, a autora, para conceituar os advérbios, delimita dois pontos de partida: o ponto de vista morfológico e o ponto de vista sintático. De acordo com o ponto de vista morfológico, Neves (2000) afirma que o advérbio é uma palavra invariável, no entanto, a autora admite que há casos restritos de advérbios que se flexionam em número e gênero, como *meio/meia*. Já do ponto de vista sintático, é uma palavra periférica, ou seja, aparece em torno do seu núcleo, funcionando como satélite do mesmo.

Neves (2000), assim como Cunha & Cintra (2001), aborda a questão da heterogeneidade dos advérbios, sendo assim, a autora os divide em duas subclasses: a dos modificadores e a dos não modificadores.

A primeira diz respeito a advérbios que, de certa forma, afetam o significado do elemento que modificam. Esta subclasse engloba os advérbios de modo, os de intensidade e os modalizadores (que se subdividem em epistêmicos ou asseverativos e delimitadores ou circunscritores). A autora não apresenta explicitamente o **mal** como advérbio de modo, mas inferimos que este admite essa classificação, uma vez que o seu correlato (**bem**) é tratado por Neves como modal e, algumas vezes, como intensificador.

Já na segunda, os advérbios dessa classe, ao contrário dos modificadores, não afetam o elemento a que se referem. Fazem parte os advérbios de afirmação, de negação e os advérbios circunstanciais (de lugar e de tempo).

Quanto ao uso, o **mal** também é classificado por Neves (2000, 795) como conjunção adverbial temporal, expressando "o tempo que ocorre o estado de coisas, ou seja, o tempo da predicação da oração principal", como no exemplo abaixo:

(31) A prova de fogo logo se apresentou, **mal** assumiu suas funções, no despejo de uma favela. (CB)

E finalmente, o último valor dado ao elemento **mal** pela autora é o de substantivo, conforme os demais autores tradicionais. Ela não enquadra o **mal** em nenhuma classificação do substantivo, mas menciona-o quando trata do plural em *–l*:

(32) **MAL** – MALES: Tecnófilo arrependido, escreveu sobre os MALES da Internet neste ano. (FSP)

Devemos ressaltar aqui que o objetivo de analisarmos os compêndios gramaticais nesse trabalho é observar o tratamento dado por eles ao item **mal**, comparando o que esses compêndios falam sobre o item em questão com os resultados obtidos neste trabalho. Como podemos observar, as análises desses compêndios são essencialmente sincrônicas e extremamente restritas no que diz respeito à análise do item **mal**. Além disso, pouco ou nada falam acerca de suas tendências de ordenação ou da relação polissêmica de seus diferentes usos. É nesse sentido que este trabalho pretende ir, observando os diferentes

valores que o elemento **mal** desenvolveu diacronicamente e o modo como essa evolução está relacionada às mudanças envolvidas em suas tendências de ordenação.

# 4. ANÁLISES FUNCIONALISTAS SOBRE ADVÉRBIOS QUALITATIVOS

Neste capítulo apresentaremos resumos de trabalhos do ponto de vista funcional voltados para a análise de advérbios qualitativos no português escrito, que levam em conta as tendências de ordenação desses elementos. Dentre eles estão Silva e Silva (2001), Moraes Pinto (2002), Benedito (2004), Martelotta (2004), Martelotta (2006), Martelotta e Vlcek (2006). Esses trabalhos são extremamente importantes, já que estão na base da análise que estamos aqui desenvolvendo. Ou seja, este trabalho constitui uma parte de uma pesquisa maior, que observa a mudança nas tendências de ordenação dos advérbios qualitativos do latim ao português atual.

Essa pesquisa mais geral vem demonstrando que a posição pré-verbal, que caracteriza a colocação dos advérbios latinos começa a desaparecer nas cláusulas justapostas ou coordenadas, ficando ainda perceptível, do português arcaico ao século XIX, nas cláusulas hipotáticas e subordinadas, sobretudo, na forma reduzida, que apresentam maiores níveis de encaixamento ou gramaticalização. Isso ocorre porque as mais gramaticalizadas apresentam maior conservadorismo sintático, já que se caracterizam por graus maiores de cristalização e, conseqüentemente, de pressuposicionalidade (Givón: 1979). Com o tempo, essa tendência vai desaparecendo também nas cláusulas encaixadas.

Passamos agora a resumir a evolução dessa pesquisa, que está associada a um projeto integrado de pesquisa, desenvolvido por professores do Grupo de Estudos Discurso & Gramática – Rio de Janeiro, acerca da mudança de ordenação de advérbios.

## 4.1. O trabalho de Silva e Silva

O primeiro trabalho a tratar exclusivamente da mudança de ordenação do advérbio qualitativos **mal** foi o de Silva e Silva (2001). A autora teve como seu principal objetivo observar a polissemia que caracteriza seus usos desse elemento lingüístico, enfatizando seu valor qualitativo e as mudanças de ordenação associada aos diferentes valores que ele pode assumir. A relação entre função de uso e ordenação, estabelecida pela autora, se relaciona ao fato de ela ter usado a teoria da gramaticalização em suas análises.

Silva e Silva (2001) percebeu que, no português arcaico, **mal** com valor qualitativo poderia aparecer nas posições pré e pós-verbal. Isso não acontece no português atual: a autora somente encontrou registros atuais do **mal** na posição pós-verbal. Em outras palavras, o trabalho de Silva e Silva (2001) detectou uma diferença de ordenação dos usos de **mal** entre as fases arcaica e atual do português, abrindo caminho para uma série de análises diacrônicas que iriam fornecer uma explicação geral, através da proposta de uma mudança gradual na ordenação não só desse advérbio, mas dos qualitativos em geral, do latim ao português atual.

Com relação à polissemia do **mal**, Silva e Silva (2001) acrescenta que, por gramaticalização, esse advérbio pode assumir os valores típicos de prefixo, de conjunção e de um valor que ela chamou de restrição/negação, que apenas foi registrado pela autora, no português, a partir do século XIX. Vejamos um exemplo apresentado pela autora desse uso de restrição/negação:

(33) Um conhecido meu foi jantar na casa da noiva, era o primeiro jantar com a família toda reunida, foi servido bife, sendo que o Ricardo não gostava muito de carne e ainda por cima o bife estava duro, que **mal** dava para partir. (D&G)

Silva e Silva (2002: 8) argumenta que o exemplo anterior, retirado de uma narrativa recontada escrita do *corpus* Discurso & Gramática (Oliveira e Votre: 1995)[11], apresenta valor de restrição/negação, já que indica que praticamente não dava para partir o bife. Ou seja, nesse contexto, "o elemento **mal** restringe ou, em alguns casos, até nega a ação verbal". Esse uso possui caráter enfático e, estando associado a estratégias pragmático-discursivas, desempenha funções características de operador argumentativo.

Conforme mencionamos anteriormente, este trabalho foi importante por ser o primeiro a detectar a regularidade da mudança de um advérbio qualitativo do português arcaico até o atual, observando a relação entre mudanças de ordenação e o processo de gramaticalização que gera novos usos não-qualitativos. Esses novos usos, mais gramaticalizados, tendem a se fixar na sentença, apresentando valores de prefixo, de conjunção temporal ou de restrição/negação, sendo esse último voltado para organização do texto em uma situação de comunicação específica, já que possui caráter enfático.

Esse trabalho, entretanto, não chegou a perceber a relação entre a ordenação do advérbio e o tipo de cláusula em que ele aparece, não observando assim a gradualidade com que essa mudança se dá. Além disso, não detectou a existência de valores como o de predicativo ou a ocorrência do elemento de negação do **mal** no português arcaico e sua relação com o valor denominado restrição/negação, que, como poderemos ver no decorrer

[11] *Corpus* elaborado pelo Grupo de Estudos Discurso & Gramática da UFRJ, constituído de entrevistas orais e escritas concedidas por falantes dos seguintes níveis de escolaridade: CA supletivo, CA adulto, 4ª série, 8ª série, 2º grau e 3º grau.

de nossa análise, aparece antes do século XIX, ou seja, antes do que registrou Silva e Silva (2001).

## 4.2. O trabalho de Moraes Pinto

Moraes Pinto (2002) desenvolveu uma análise sobre os advérbios em *-mente* com valor qualitativo, observando também a polissemia desses elementos, sobretudo no caso em que eles passam a desempenhar função de modalizador. A análise foi desenvolvida com base em quatro diferentes sincronias do português: *fase arcaica*, *fase moderna I*, para os séculos XVI, XVII e XVIII, *fase moderna II*, para o século XIX e *fase contemporânea*. Os resultados deste trabalho, relacionado aos advérbios em *-mente*, vão na mesma direção dos resultados de Silva e Silva acerca do **mal**.

Moraes Pinto demonstra que os advérbios por ela estudados sofrem, ao longo do tempo, mudanças associadas ao processo de gramaticalização. Essa mudança é sucessiva e unidirecional, com esses elementos passando de advérbios internos à cláusula a advérbios sentenciais, cumprindo a trajetória proposta em Traugott e Dasher (2005). A autora ressalta ainda que, em alguns casos, os valores qualitativos encontrados no início da trajetória desaparecem e os advérbios passam a assumir apenas funções pragmático-discursivas no português atual. É o caso de *certamente* com valor qualitativo, existente no português arcaico, que desaparece na fase atual de nossa língua, em que somente é usado como modalizador.

A autora conclui também que os diferentes valores semânticos dos advérbios em *-mente* implicam diferentes colocações e funções na oração. No português arcaico, os advérbios qualitativos em *-mente*, assim como Silva e Silva (2001) registrou para o

advérbio **mal**, possuíam grande mobilidade na cláusula, podendo ocupar diversas posições, inclusive a pré-verbal A partir do século XIX, algumas posições se tornaram indisponíveis a esses advérbios, uma vez que, com o processo de gramaticalização, conforme seus valores semânticos se modificavam, eles passaram a ter um caráter específico e a depender das características gramaticais de suas novas funções.

Este trabalho foi também importante por registrar nos usos dos advérbios em *-mente* as mesmas tendências que Silva e Silva (2001) apresentou para o advérbio qualitativo **mal** não apenas no que se refere a seus usos como qualitativo, mas também nos novos valores decorrentes a processos de gramaticalização. Isso demonstrou a regularidade da mudança que envolve advérbios qualitativos do português arcaico até o atual, bem como dos processos de gramaticalização que geram novos usos não-qualitativos. Esses novos usos, mais gramaticalizados, tendem a assumir valores mais subjetivos, veiculando estratégias comunicativas.

Entretanto, o trabalho de Moraes Pinto (2002) também não chegou observar a relação entre a ordenação do advérbio e o tipo de cláusula em que ele aparece e, desse modo, não pode detectar a gradualidade com que essa mudança se dá. Veremos adiante que, com o desenvolvimento das pesquisas referentes à ordenação dos advérbios, essa relação entre ordenação e tipo de cláusula se mostrou bastante importante na descrição da mudança de ordenação dos qualitativos de um modo geral.

## 4.3. O trabalho de Benedito

Benedito (2004) analisou o advérbio qualitativo **bem** no português brasileiro do século XIX e no português brasileiro contemporâneo, buscando também observar sua

ordenação nas cláusulas. O autor em seu trabalho utilizou como *corpus* textos escritos das duas épocas analisadas. Para o português contemporâneo, os textos utilizados foram retirados de revistas publicadas a partir do final da década de 1990, até 2004. Já os textos do século XIX foram retirados de anúncios de jornais daquela época, que compõem o *corpus* do Projeto para a História do Português Brasileiro.

O autor parte do pressuposto de que há efetiva uma perda de mobilidade do advérbio qualitativo **bem** nas cláusulas, restringindo a colocação desse qualitativo à posição pós-verbal, no português atual.

Benedito (2004) atribui essa mudança de ordenação à hipótese de que nas cláusulas mais gramaticalizadas, no século XIX, o **bem** tende a se manter mais fixo, pois elas apresentam maior conservadorismo sintático, mantendo assim a posição pré-verbal do referido item e também, que a mudança de ordenação se dá nas cláusulas que apresentam menor conservadorismo sintático. Essa tendência já havia sido descrita em Martelotta (2004).

Benedito (2004) observou que ainda era possível, no século XIX, encontrar **bem**, com valor de advérbio qualitativo, em posição pré-verbal (em cláusulas mais gramaticalizadas) co-ocorrendo com a posição pós-verbal. Em contrapartida, o autor percebeu que, no português atual, as tendências de ordenação do **bem** mudaram, visto que só foram encontrados exemplos desse advérbio com valor qualitativo em posição pós-verbal. Outra hipótese confirmada por Benedito (2004) foi a que explicita que o advérbio analisado, por apresentar valor determinante, deva ocorrer próximo aos elementos que o modifica, pois em seu trabalho, todos os exemplos do **bem** encontrados imediatamente antes ou depois de seu alvo, tanto nos textos do século XIX, quanto nos textos atuais.

## 4.4. O trabalho de Martelotta

Martelotta (2004) analisa os advérbios **bem** e **mal** no português escrito, numa abordagem histórica, comparando textos do português arcaico e do português atual. Seu objetivo foi observar três aspectos, aparentemente diferentes, mas de certo modo relacionados: as tendências de ordenação, a polissemia dos elementos estudados e os processos de gramaticalização que caracterizam seus usos.

O autor, em seu trabalho, obteve como principais constatações a perda de mobilidade dos elementos **bem** e **mal** entre os dois períodos analisados, a proximidade entre os elementos em estudo e o seu alvo se manteve nas duas sincronias observadas e, finalmente, o autor encontrou usos do **bem** e **mal** com valor de marcador discursivo. Martelotta (2004) ressalta também que esses últimos tendem a ocorrer antes do verbo, tal como (Silva e Silva: 2001) observou para o **mal** com valor de conjunção e de restrição/negação.

A grande contribuição desse trabalho foi a proposta de que, no que se refere aos advérbios modificadores de verbos, a mudança parece estar associada ao processo de gramaticalização sofrido por determinadas estruturas sintáticas. De acordo com Givón (1979), a cláusula *principal declarativa, afirmativa, ativa*, *neutra* é menos pressuposicional, no sentido de que sua interpretação depende de menos material inferível do que a interpretação das demais estruturas. Isso confere a esse tipo de cláusula uma maior liberdade e variedade de elementos significativos. Por outro lado, tanto no que se refere a itens lexicais quanto a construções sintáticas, a distribuição dos elementos significativos, em todos os outros tipos de cláusula, é sempre mais restrita. Isso faz com

que esses outros tipos de cláusula tendam a exibir grande conservadorismo sintático, sobretudo, no que diz respeito à ordenação vocabular.

O autor argumenta com Marouzeau (1949) que a ordenação dos advérbios qualitativos latinos correspondentes aos portugueses **bem** e **mal** é essencialmente pré-verbal. Isso significa que, partindo da proposta de Givón (1979), o português arcaico deveria manter essa posição mais antiga para os advérbios nas cláusulas gramaticalizadas: hipotáticas, subordinadas finitas e, principalmente, nas subordinadas reduzidas. Esse foi, de fato, o resultado da pesquisa: no português arcaico as posições pré-verbais se concentraram nas cláusulas com níveis mais altos de gramaticalização, como se vê nos exemplos abaixo, apresentados pelo autor:

(34) ... porque preegas aos outros que vivã **bẽ** , pois tu **mal** viver queres? (Livro das aves. p. 28)

(35) E os que esto quiserem **bem** aprender, leamno de começo... (Ensinaça de Bem Cavalgar Toda Sela, p. 3)

O português atual apresenta essa ordenação apenas em construções muito conservadoras ou em lexicalização do tipo *bem-querer*, *bem-estar*, *bem-fazer*, *bendizer*, *benzer* entre outras com o elemento **bem**; e *malconfiar*, *maldizer*, *mal-estar*, *malfazer*, *malferir*, *malparar*, *malquerer*, *mal-usar*, entre outras com **mal**.

O trabalho de Martelotta (2004) teve o mérito de observar a relação entre a ordenação dos advérbios **bem** e **mal** e o nível da gramaticalização da cláusula em que ele ocorre. Entretanto, somente observou duas sincronias: o português arcaico e o português

atual. As pesquisas envolvendo outros momentos no tempo intermediários foram desenvolvidas mais tarde.

## 4.5. O trabalho de Martelotta e Vlcek

Martelotta e Vlcek (2006) analisaram os advérbios os usos dos advérbios em -*mente* em cartas de leitores e redatores de jornais do século XIX, publicados no Rio de Janeiro em três diferentes períodos de tempo: *1ª Fase*, que engloba textos de 1808 a 1840, *2ª Fase*, que compreende textos de 1841 a 1870, e *3ª Fase*, com textos de 1871 a 1900. Os resultados de sua pesquisa apontam para a mudança nas tendências de colocação dos advérbios qualitativos em -*mente* no século XIX, o que ratifica a proposta de Pagotto (1998) e Tarallo (1991/1993) de que o século XIX é o período em que ocorrem grandes mudanças na sintaxe do português do Brasil.

Apesar da pouca quantidade de dados analisados[12], os resultados da análise foram muito interessantes nesse sentido, já que detectaram a ocorrência de qualitativos em -*mente* apenas em cláusulas mais gramaticalizadas, como já se esperava em função de outras pesquisas que demonstraram essa tendência para os qualitativos em geral em textos do século XIX.

Os autores observaram também que, na primeira fase do século XIX, há mais ocorrências de posições pré-verbais do que nas demais fases, tanto em cartas de leitores quanto em cartas de redatores. Isso aponta para uma mudança, no século XIX, da ordenação desses advérbios para as posições pós-verbais, que caracteriza o português atual.

[12] Martelotta e Vlcek (2006) tiveram o mesmo problema que temos nesta análise: o fato de que advérbios qualitativos ocorrem muito pouco, o que impede que cheguemos a conclusões mais definitivas em análises quantitativas. Entretanto, é importante registrar que todos os trabalhos, que juntos apresentam uma quantidade significativa de ocorrências, apresentam as mesmas tendências de ordenação e mudança.

Essa tendência é ratificada pelo fato de as cartas de leitores somente apresentarem ocorrências pré-verbais na primeira fase do século XIX, podendo ser um indício de como se deu, nesse século, a mudança nas tendências de ordenação em direção ao uso praticamente categórico da pós-posição característica do português atual. Junta-se a isso, o fato de, na 2ª e na 3ª fases, as ocorrências pré-verbais terem sido registradas exclusivamente nas cartas de redatores, que podem ser vistas como um uso conservador e de caráter formal.

# 5. REFERENCIAL TEÓRICO

Apresentamos a fundamentação teórica deste trabalho, baseada no funcionalismo norte-americano, cuja premissa parte da análise do uso da língua pelos falantes, levando-se em conta as situações comunicativas, cognitivas e sócio-culturais dos mesmos.

A teoria da gramaticalização, ligada ao funcionalismo norte-americano, é o pressuposto teórico norteador desta pesquisa. A partir da gramaticalização, itens lexicais e/ ou construções sintáticas tornam-se mais gramaticais. Com isso, adquirem novo *status* e em decorrência da freqüência de uso, adentram ainda mais na gramática. Nas próximas seções delinearemos todos os itens supracitados.

## 5.1 Funcionalismo norte-americano

A visão funcionalista apresenta um ponto de vista diferente da visão formalista pelo fato de conceber a língua como um fenômeno essencialmente mutável. Essas mudanças na língua, para o funcionalismo, se dão efetivamente pelo uso, ou seja, há uma interação entre língua e fala que individualiza a visão funcionalista de linguagem.

O funcionalismo ganha forças a partir da década de 70, conforme mencionam Martelotta e Areas (2003):

> *O termo funcionalismo ganhou força nos Estados Unidos a partir da década de 70, passando a servir de rótulo de trabalho de lingüistas como Sandra Thompson, Paul Hopper e Talmy Givón, que passaram a advogar uma lingüística baseada no uso, cuja tendência principal é observar a língua do ponto de vista do contexto lingüístico e da situação extralingüística.*

Podemos destacar como texto pioneiro nos estudos funcionalistas “The origins of syntax in discourse: a case study of Tok Pisin relatives” de Gilian Sankoff e Penélope

Brown em 1976, e um outro em 1979, de Talmy Givón: "From discourse to syntax: grammar as a processing strategy" já influenciado pelas descobertas de Sankoff.

Justificamos a escolha do funcionalismo norte-americano para a análise do item **mal** por conta das mudanças lingüísticas que esse item sofre numa perspectiva histórica, pois, conforme Martelotta (2004), a mudança de um determinado item lingüístico se desenvolve no tempo e isto pode ter ocorrido com o **mal**. Também acreditamos que essas mudanças estão relacionadas ao uso lingüístico desse item, que é influenciado diretamente pelos falantes da língua.

Um dos fenômenos associados a essas mudanças é a gramaticalização que faz com que o **mal** assuma novos valores e usos, sobretudo no que diz respeito à organização interna do discurso ou a estratégias comunicativas e no que tange a sua ordenação nas cláusulas.

## 5.2 Gramaticalização

A teoria da gramaticalização é um tema abordado por vários autores que seguem a linha funcionalista da língua e que investigam mudanças lingüísticas em determinadas palavras ou construções decorrentes do uso. Definiremos aqui gramaticalização como um processo de mudança lingüística a partir do qual determinados itens lexicais e/ou construções gramaticais tendem a se tornar mais gramaticais, com isso, adentram ainda mais na estrutura interna da gramática, assumindo um novo status gramatical na língua. O item gramaticalizado passa, então, a desempenhar funções pragmático-discursivas, com o papel de organizador da estrutura interna do discurso.

Assim sendo, gramaticalização é um processo de mudança lingüística pressionado pelo uso da língua por seus falantes que acrescentam novos valores a determinados itens lingüísticos, tornando a comunicação contextualmente mais satisfatória, pois a língua é dinâmica e sujeita a variações e a processos ao longo do tempo, por meio da interação dos membros de determinada comunidade lingüística.

Podemos, então, afirmar que, quando o elemento lingüístico sofre gramaticalização, em decorrência do uso efetivo de seus falantes, num processo unidirecional, sai do plano da criatividade do discurso, torna-se mais fixo e previsível ao adentrar no plano gramatical. Por isso, esse elemento apresenta maior regularidade e previsibilidade, conforme apresentaremos mais adiante na análise dos dados.

## 5.3 Gramaticalização e o grau de encaixamento das cláusulas

Tendo em vista que a gramaticalização diz respeito ao processo de mudança lingüística que leva itens lexicais ou construções a assumirem funções mais gramaticais, pretendemos, a partir dessa definição, observar o grau de gramaticalização das cláusulas, baseando-nos no princípio de Hopper e Traugott (2003) que explicita que os períodos complexos apóiam-se numa trajetória de gramaticalização com três pontos de aglomeração, apresentados a seguir:

1- Parataxe ou independência relativa, exceto como restringida pela pragmática de fazer sentido e relevância.

2- Hipotaxe ou interdependência, na qual existe um núcleo e uma ou mais cláusulas que não podem ficar sozinhas e que por isso são relativamente dependentes. Porém, essas cláusulas não se incluem completamente em qualquer item constituinte do núcleo.

3- Subordinação, ou, em sua forma extrema, encaixamento; podendo se dizer em outras palavras, dependência completa, na qual uma margem está completamente inserida no núcleo.

Esses pontos de aglomeração podem ser caracterizados pela seguinte trajetória de gramaticalização: partem das estruturas menos encaixadas (paratáticas) até as mais encaixadas (subordinadas). Como podemos observar no esquema abaixo:

| | | | | |
|---|---|---|---|---|
| parataxe | > | hipotaxe | > | subordinação |
| -dependente | | +dependente | | +dependente |
| -encaixada | | -encaixada | | +encaixada |

Cabe dizer que quanto mais subordinadas são as cláusulas, maior é o nível de encaixamento das mesmas. As cláusulas subordinadas são mais gramaticalizadas do que as hipotáticas, por apresentarem níveis maiores de dependência e encaixamento. Conseqüentemente, as cláusulas hipotáticas são mais gramaticalizadas do que as paratáticas, pois essas apresentam um baixo nível de dependência sintática.

No que diz respeito às cláusulas reduzidas, adotaremos a proposta de Givón (1990), na qual a redução da cláusula subordinada reflete níveis maiores de integração. Seguiremos as seguintes propostas de Givón (1990: 560):

a) Quanto mais integrados são dois eventos, mais integrados são os verbos que os exprimem. Uma das principais manifestações da vinculação semântica é o nível de controle do sujeito da principal sobre o sujeito da subordinada.

b) Quanto mais integrados são dois eventos, menor a probabilidade de eles serem separados por um subordinador, ou mesmo por uma pausa física.

c) Dada uma hierarquia de graus de agentividade, AG > DAT > ACC > OUTROS, quanto mais integrados são os dois eventos, menos agentivo será o sujeito da cláusula complemento.

d) Dada uma hierarquia de graus de finitude (ou seu inverso graus de nominalidade), da forma verbal, os mais integrados são os casos que apresentam o verbo da subordinada com características mais nominais e com menos morfologia verbal. Assim, por exemplo, quando na cláusula principal ocorre o que Givón (1990) chama verbo cognitivo (com menor integração), o verbo da subordinada está conjugado no indicativo e seu sujeito tende a estar presente.

## 5.4 Gramaticalização, pressuposição discursiva e estrutura sintática

Conforme Givón (1979), a maior liberdade e variedade de elementos significativos tende a ocorrer na cláusula principal, declarativa, afirmativa, ativa. Por outro lado, tanto no que se refere a itens lexicais quanto a construções sintáticas, a distribuição dos elementos significativos, em todos os outros tipos de cláusula, é sempre mais restrita. Isso ocorre em

função do fenômeno da pressuposição discursiva, ou seja, o grau de pressuposicionalidade no qual uma sentença é usada.

Entendemos por pressuposição um conjunto de informações que estão fora da sentença e são assumidas pelo falante como evidentes e indiscutíveis. Givón (1979) apresenta as seguintes variantes sintáticas que se caracterizam por apresentarem maior grau de pressuposição:

1. Construções estritamente pressuposicionais. Cláusulas relativas, clivadas, pseudo-clivadas e perguntas QU.
2. Cláusulas encaixadas.
3. Outros atos de fala. Imperativo, Interrogativo e Negativo.
4. Construções envolvendo graus de definitude-topicalidade dos argumentos. Mudança de tópico. Passiva, Pronomes Anafóricos, etc.

É válido dizer que as construções acima apresentam uma ordenação mais conservadora dos elementos argumentais. Procuramos, assim, observar a ordenação do advérbio qualitativo **mal** na cláusula, com a intenção de analisar se esses parâmetros de pressuposicionalidade descreveriam o comportamento diacrônico desse elemento, em termos de colocação.

Entre essas variantes sintáticas, a que se mostrou mais importante foi a de número (2), já que o encaixamento da cláusula parece se relacionar com a colocação pré-verbal do advérbio em análise.

O fenômeno da pressuposicionalidade está também relacionado ao grau de dificuldade que o falante acha que o ouvinte terá em determinar uma única referência para

um referente no discurso. E, de acordo com Givón (1979), a cláusula principal, declarativa, afirmativa, ativa apresenta a complexidade pressuposicional mais baixa no discurso, se comparada a todos os outros tipos.

O autor ainda apresenta várias propriedades formais dessas variantes sintáticas em relação ao seu grau de pressuposicionalidade:

1. Variantes mais pressuposicionais exibem maior complexidade sintática.
2. Variantes mais pressuposicionais apresentam maiores restrições distribucionais do que os padrões neutros.
3. Variantes mais pressuposicionais são gramaticalizadas mais tarde por crianças, ou pelo menos sua sintaxe é adquirida mais tarde do que as variantes menos pressuposicionais.
4. Variantes mais pressuposicionais freqüentemente tendem a exibir grande conservadorismo sintático, mais comumente na área da mudança de ordenação.
5. A cláusula principal, declarativa, afirmativa, ativa, neutra e menos pressuposicional é também a mais freqüente no discurso.

São do interesse desta pesquisa, no entanto, observar nos *corpora* escolhidos as afirmativas (1), (2) e (4), tendo em vista que estamos propondo que as cláusulas gramaticalizadas são mais restritas distribucionalmente e mais complexas sintaticamente e, por isso, tendem a apresentar tendências de distribuição do advérbio **mal** que não são mais vistas atualmente, uma vez que pretendemos analisar a ordenação do **mal** segundo perspectiva histórica.

## 6. **OS USOS GRAMATICALIZADOS DO ITEM MAL**

Caracterizamos como usos gramaticalizados do item **mal**, os casos em que esse item perde seu valor de advérbio qualitativo e passa a funcionar como prefixo, como conjunção, como negação e como negação retórica.

### 6.1 **Mal** como prefixo

O valor prefixal ocorre quando o item **mal**, ao modificar adjetivos, particípios, como no exemplo (36), e, em casos menos comuns, substantivos e verbos, passa a se fixar a estes, funcionando como prefixo, mantendo o seu sentido negativo ou de modo ruim, como, por exemplo, em ***mal-****estar*, ***mal****cheiroso* e ***mal****seguro*. O **mal** como prefixo também pode assumir valor de negação, como em ***mal****contente* ou ***mal-****ouvido* e, por último, pode assumir valor de intensidade como ***mal****ferido*.

(36) Oh! Idades cegas! Oh! Gentilezas enganadas! Oh! Discrições **mal**-entendidas (Sermão nas exéquias de D. Maria de Ataíde)

É interessante destacar que nesta pesquisa encontramos o vocábulo hoje grafado como ***mal****contente*, escrito de forma separada, como no exemplo abaixo do século XV:

(37) Seendo el rey **mal** co~tente de teer seu filho dona In^es, dize~ que, per maao consselho de Diogo Lopez Pacheco e de Pero Coelho e d'Alvaro Gonçalvez, a matou nos

paaços de Santa Crara de Coymbra. Desta Obra crua e feita co~sanha, foy el rey diname~te reprendido. E o iffante dele muy queixoso. (História dos Reis de Portugal)

A ocorrência do item **mal** separado do adjetivo nos leva a postular a hipótese de que com o tempo esse item se fixa ao vocábulo *contente* se tornando um prefixo, por um processo metonímico de mudança, conforme explicitado em Silva e Silva (2001: 35):

> *"Trata-se de um processo metonímico de mudança no sentido de que o elemento, no contexto específico em que se refere a particípios a adjetivos, normalmente os precede. Essa posição sintática praticamente fixa do elemento estimula a reanálise que o transforma em prefixo.*
>
> *Essa tendência que o elemento apresenta vem ao encontro do ideal funcionalista do subprincípio icônico da proximidade (Givón, 1990 e Ungerer e Schimid, 1999), segundo o qual quanto maior o nível de integração dos conteúdos no plano funcional, conceptual ou cognitivo, maior é a sua integração morfossintática. Daí, por exemplo, elementos lingüísticos que possuem uma relação semântica mais restrita tenderem a ocupar posições mais próximas entre si, na sentença."*

Esse processo de gramaticalização em que o **mal** passa a prefixo é esperado, já que trabalhos como os de Silva e Silva (2001) e Martelotta (2004) demonstraram que esse fenômeno não se restringe apenas ao qualitativo **mal**, podendo ser observado também com o qualitativo **bem.** Em casos atuais, podemos observar o **bem** nos exemplos ***bem****-estar* e ***bem****-humorado,* que eram grafados separadamente e por conta do mesmo processo de mudança esse qualitativo passa a ser entendido e escrito como prefixo. Abaixo, veremos um exemplo com um dos casos retirado de Benedito (2004):

(38) – Um conceito de saúde, ***bem****-estar* e qualidade de vida.

É relevante ressaltar que o objeto principal deste trabalho não é analisar o elemento **mal** com valor prefixal, todavia, devemos destacar que houve um número razoável desse elemento funcionando como prefixo em todos os períodos analisados.

## 6.2 **Mal** como conjunção

Encontramos, nos dados analisados, **mal** funcionando como conjunção, ou seja, desempenhando papel mais argumentativo. Nesse uso, o item em estudo apresenta o mesmo valor destacado pelas gramáticas tradicionais: conjunção adverbial temporal. Nesse valor, ele se desloca para o início das cláusulas, servindo de ligação entre um evento e outro.

Devemos ressaltar que esse uso provém da trajetória de gramaticalização *modo* > *texto* (Martelotta: 1994; Silva e Silva: 2001) que faz com que um qualitativo perca algumas características adverbiais e assuma função de conjunção. Martelotta (1994) propõe que esse mecanismo ocorre com os elementos **bem**, **mal** e *apenas* (proveniente de *a duras penas*). Eis os exemplos do autor:

(39) **Mal** saí de casa começou a chover

(40) **Nem bem** saí de casa saí de casa começou a chover

(41) **Apenas** saí de casa começou a chover

Ressaltamos que em consonância com o que postulou Silva e Silva (2001), ou seja, que o valor de conjunção do **mal** apareceu na língua a partir do século XIX, também registramos esse valor somente a partir do século XIX. Acreditamos que o valor de

conjunção derivou-se provavelmente do uso negação retórica e tanto o **mal** como conjunção quanto o **mal** negação retórica até hoje são encontrados, diferentemente do valor predicativo que só encontramos no português arcaico, como veremos mais adiante. Esse fato ratifica a hipótese da unidirecionalidade, já que reflete a constatação histórica de que um uso mais gramaticalizado surgiu em um período posterior da evolução histórica da língua. No exemplo a seguir, podemos observar um caso do **mal** como conjunção:

(42) Viva, viva o Senhor Cabo,
Que em sossego nos deixou,
**Mal** que vio o ar toldado,
Com os cachimbos abalou
(PHPB)

6.3. **Mal** com valor predicativo

Encontramos outro valor do item **mal** no português arcaico, chamado neste trabalho valor predicativo. Trata-se de um uso associado ao verbo *ser* em que o referido item parece apresentar um valor modificador de um SN ou de uma oração subjetiva. Neste uso, não mais encontrado no português atual, **mal** perde seu valor de advérbio qualitativo, assim como nos casos em que ele aparece como prefixo, conjunção e como negação e negação retórica. Cabe ressaltar que não encontramos muitos casos de **mal** com esse valor predicativo nos *corpora* analisados, já que o referido valor parece ser mais comum com o elemento **bem**. Os exemplos da Bíblia Medieval Portuguesa, apresentados abaixo, exibem o elemento **bem** com valor adjetivo. No exemplo (43), **bem** aparece ao lado de outro

adjetivo, *derecto*, funcionando como um predicativo do sujeito, e no exemplo (44), compõe a construção *he bem*, formada por *ser* + *adjetivo* predicativo (*ser urgente*, *ser conveniente*, etc.), típica de verbo unipessoal, seguida de oração subordinada subjetiva:

(43) E eles dysserom: ouvemos grande temor, e ouvemos conselho como déssemos vida aas nossas.almas; fazede o que virdes que he **bem**, e derecto. (Bíblia Medieval Portuguesa)

(44) Disse Deus: non he **bem** que o homem seja sôo, façamo-lhe ajudoiro semelhavil del... (Bíblia Medieval Portuguesa)

Nos casos acima, o elemento **bem** parece ter um sentido semelhante ao de *bom* ou ao de *adequado*, funcionando como uma espécie de predicativo. É também o que acontece com o **mal** no exemplo abaixo:

(45) Mas o lenho da sciencia do bem e do mal hé assi chamado, porque depois que o homẽ dele comeu soube que cousa era **mal**, que ante nom sabia... (Bíblia Medieval Portuguesa)

Podemos observar no exemplo anterior que o item **mal** aparece na posição pós-verbal, mas não modifica o verbo, e não funciona como advérbio qualitativo, valor que, para efeito de comparação, pode ser visto abaixo, no exemplo (46):

(46) No domingo passado, houve o baile no Clube o Dr. Doria quiz entrar, mas a directoria não consentiu em virtude de outro baile ente-rior elle se portar **mal**. (PHPB)

Nesse exemplo, o **mal** acrescenta uma circunstância de modo ao verbo, típica desse elemento como advérbio. Já em (45), o mesmo elemento não modifica o verbo em questão, mas o sujeito da oração, funcionando, assim, como predicativo. Cabe dizer que o valor predicativo não se restringe somente ao **mal**, podendo também ser encontrado com o **bem**, como vimos em (44).

6.4. **Mal** com valor de negação e negação retórica

Nesta seção apresentaremos os valores e as diferenças entre os dois usos encontrados no item lingüístico **mal**, denominados negação e negação retórica, de acordo com os exemplos abaixo respectivamente:

(47) - Eu digo que homem deve d'aver paz primeiro com D(eu)s; de^s i com se(us) maiores. Terceira com se(us) prouxim(os). Quarta conssigo meesmo. E se algu~a destas pazes fallece, **mall** se pode edeficar castello que dure $ (Castelo Perigoso)

(48) - ... sinto-me frustrada porque o aluno chega à primeira série do ensino médio, vindo das escolas municipais e **mal** sabe ler, escrever ou interpretar o que lê... (Jornal O Globo)

Nos dois casos acima, o **mal** perde o seu valor qualitativo para assumir um novo papel, mais argumentativo. No exemplo (47), nega-se plenamente a possibilidade de se concretizar a ação especificada pelo verbo, podendo-se substituir até mesmo **mal** pelo advérbio *não* (valor de negação) e no exemplo (48), podemos substituí-lo pela expressão *quase não* (valor de negação retórica).

Esses novos valores apresentados pelo item **mal** são decorrentes do processo de gramaticalização que leva esse item a se fixar numa posição mais determinada na cláusula, ou seja, a posição pré-verbal. Nas próximas seções detalharemos e diferenciaremos esses dois valores.

### 6.4.1. **Mal** com valor de negação

Nesta seção explicitaremos o item **mal** com valor de negação e o diferenciaremos do valor negação retórica. Fizemos esta distinção com o intuito de tornar esses valores mais claros e precisos.

Observamos que, através da pressão exercida pelo contexto, esse advérbio qualitativo apresenta um contexto de ambigüidade, conforme (49):

(49) E diz Sam Jero^nimo: "A torre do coraçom nom pode seer filhada se as portas nom sam abertas aa oste do diaboo. Mes a boca e a li´nguoa, que he a p(ri)ncepall, he a mais p(er)iiguosa, ca tam **mall** como sse podem nomear as guotas do ma(r), tam **mall** se contaro ´m os pecad(os) que saaem da li´nguoa". (Castelo Perigoso)

No exemplo acima, **mal** ainda apresenta características de advérbio, por exemplo, o fato de estar sendo intensificado pelo *tão*. Porém, ele já demonstra traços do valor de negação como a anteposição ao verbo, no caso o verbo *poder*, visto que **mal** com valor de negação aparece, na maioria das ocorrências, junto a este verbo e a partir do contexto de ambigüidade visto no exemplo acima, surgiu, então, o que denominamos valor de negação do **mal**.

Conforme o exemplo (47), percebemos que **mal** expressa uma idéia maior de negação, uma vez que o contexto no qual o mesmo está inserido permite atribuir este sentido. Observemos agora o exemplo (50):

(50) Uma mata brava, uma confusão verde. Eis aqui o que acontece aos sermões deste género. Como semeiam tanta variedade, não podem colher coisa certa. Quem semeia misturas, **mal** pode colher trigo. Se uma nau fizesse um bordo para o norte, outro para o sul, outro para leste, outro para oeste, como poderia fazer viagem? (Sermão da Sexagésima)

No caso acima, o item **mal** parece ter um sentido negativo, podendo ser interpretado com valor de negação, inclusive sendo substituído pelo *não*: *quem semeia misturas não pode colher trigo*. Em contrapartida, no exemplo (48), repetido abaixo como (51), esta noção de negação não é tão efetiva, uma vez que é possível deduzir que o aluno consegue ler, mesmo que de forma não satisfatória. Em outras palavras, a negação, nesse caso, tem um caráter retórico, no sentido de que, por um lado, não significa que os alunos literalmente não sabem ler, escrever ou interpretar e, por outro não indica friamente que eles façam essas atividades de modo inadequado. O que esse tipo de construção reflete é uma estratégia de exagero, que serve para enfatizar a incompetência dos alunos no que se refere às atividades de escrita, leitura e compreensão.

(51) ... sinto-me frustrada porque o aluno chega à primeira série do ensino médio, vindo das escolas municipais e **mal** sabe ler, escrever ou interpretar o que lê... (Jornal O Globo)

Pelo que encontramos nos nossos dados e nas análises anteriores referentes ao item **mal**, acreditamos que este primeiro uso, ou seja, com valor de negação tenha desaparecido do português, na medida em que se desenvolveu, assumindo dois usos distintos que se encontram no português contemporâneo. Um deles é o valor de negação retórica, surgido, como veremos, na análise dos dados, através da ampliação dos contextos de uso do elemento, que passa a se referir a outros tipos de verbos[13]. O outro uso procedente do valor de negação caracteriza-se pela presença de **mal** como parte de uma construção mais específica: **mal** + verbo *saber* + SN (***mal*** *sabem eles*, ***mal*** *sabe o professor*, etc.), conforme o exemplo abaixo, retirado de Martelotta e Silva e Silva (1997):

(52) – Lá vai a Paula toda feliz com o namorado. **Mal** sabe ela que ele dá em cima de todo mundo.

6.4.2 **Mal** com valor de negação retórica

Na seção anterior apresentamos o **mal** com o valor de negação. Partiremos agora para a explicitação desse elemento com valor de negação retórica, também registrado por Silva e Silva (2001: 39), mas como restrição/negação:

> *Nesse caso, o advérbio **mal** perde seu valor original qualitativo (= de modo ruim, irregular) em função do valor de restrição/negação. Esse novo valor apresentado pelo advérbio **mal** é conseqüente de um processo de gramaticalização que leva o elemento a fixar-se em uma posição mais específica na cláusula (posição pré-verbal), tendendo a dar uma orientação mais argumentativa ao enunciado. (...) Trata-se de um uso mais enfático do elemento **mal**, já que este restringe ou quase nega um fato. Nestes contextos, **mal** passa a funcionar como um marcador de contra-expectativa no sentido de estar vinculado às expectativas do ouvinte.*

[13] Como veremos na análise dos dados, **mal** com valor de negação ocorre prototipicamente ao lado de verbos cognitivos e, sobretudo, do modal *poder*.

Para exemplificar o comentário de Silva e Silva, apresentamos dois exemplos retirados do *corpus* do português contemporâneo:

(53) Eles iam tirar a minha vida – disse ela, **mal** conseguindo pronunciar as palavras. (Jornal O Globo)

(54) ...A água não tem pressão sequer para chegar até as caixas das residências. Só chega durante a madrugada e **mal** dá para encher uma caixa de 500l... (Jornal Extra)

Conforme a autora supracitada explica, nesses tipos de contexto a antecipação do **mal** em relação ao verbo transmite certo grau de exagero à noção que este item expressa, ou seja, uma noção de imperfeição ou irregularidade referente à ação verbal é acentuada por ele.

Podemos observar em (53) e (54) que a anteposição do **mal** corrobora a idéia de imperfeição com relação aos eventos realizados, pois no contexto do exemplo (53) ocorre a pronúncia das palavras, mesmo que de forma irregular, e em (54) a água chega às caixas d'água, contudo não consegue enchê-las plenamente.

Verificamos que, diferentemente do exemplo (50), não cabe fazer a substituição do item **mal** pelo advérbio de negação *não*, nos exemplos (53) e (54), mas poderíamos substituí-lo nesses últimos pela expressão *quase não* ou *sequer*, comprovando que a ação verbal não foi completamente negada.

Obtivemos registros do **mal** com valor de negação retórica, neste trabalho, a partir do século XVIII. Contudo, Silva e Silva (2001), a primeira autora a fazer menção deste valor do **mal**, somente registrou esse valor a partir do século XIX. A autora pressupõe que

esse uso tenha dado origem ao valor de conjunção, assim como também verificamos nesta Dissertação.

A partir de agora veremos como esses usos do **mal** se comportam em relação às variáveis analisadas, isto é, a semântica do verbo, a proximidade do **mal** e o tipo de verbo a que o qualitativo em análise faz referência e o grau de gramaticalização das cláusulas em que ele ocorre.

# 7. ANÁLISE DOS DADOS

Faremos nesta seção a análise dos dados encontrados nos *corpora* pesquisados, levando em consideração os fatores apresentados nessa pesquisa. Começaremos com os dados referentes ao tipo de verbo nos casos do **mal** funcionando como advérbio qualitativo, comparando os mesmos com os valores do **mal** negação e negação retórica, seguido pela ordenação do qualitativo **mal** em relação aos tipos de cláusulas em que ocorre, o **mal** ligado a adjetivos/particípios e a proximidade entre o **mal** e o seu alvo.

## 7.1 **Mal** e os tipos de verbos no português arcaico

Abaixo, temos a tabela que diz respeito aos tipos de verbos a que o advérbio qualitativo **mal** faz referência.

| **Mal** | Material | Corpóreo | Verbal | Cognitivo | Total |
|---|---|---|---|---|---|
| | 22<br>59,4% | 1<br>2,7% | 8<br>21,6% | 6<br>16,2% | **37**<br>**100%** |

***Tabela 1: Distribuição do advérbio mal pelos tipos de verbo em textos do português arcaico.***

Conforme esperávamos, encontramos o **mal** com valor qualitativo ocorrendo em cláusulas que apresentam verbos materiais (59,4%), pois os mesmos se referem a ações concretas e abstratas, passíveis de serem modificadas por advérbios qualitativos. Em segundo lugar, estão os verbos de atividade verbal (21,6%), cuja maioria dos dados continha o verbo *dizer*. A seguir, apresentaremos alguns exemplos destes dois tipos de verbos predominantes nos dados:

(55) Em muitas outras maneiras pecam os home~es p(er) soberva, assi como em buscar avantajadas rroupas e nobres, muito estreitas ou muito larguas, ou mui curtas ou mui longuas, e estreitas manguas e rricos apostament(os), e em desobedeecer a se(us) maior(e)s ou em **mall** obedeecer, assi como sosteer se(us) fe(i)tos e suas openio~oes e muito defender suas minguas //em// e suas fallas em capitollio; (Castelo Perigoso)

(56) Quando o envejoso vee ou ouve os be~es de taaes pesoas; elle os prasma, quando pode, poll(os) abater. E se algue´m diz **mall**, elle se alegra e ajunta hi do seu. (Castelo Perigoso)

Como mencionamos anteriormente, o **mal** funcionando como qualitativo ocorre com verbos mais relacionados a experiências concretas e abstratas das pessoas e também vivenciadas em seu cotidiano. Daí justificamos e ratificamos a predominância desse qualitativo junto a esses verbos, já detectada em Martelotta (2004).

Já no que diz respeito ao **mal** com valor de negação no português arcaico, observamos que esse item aparece ligado a verbos modais e cognitivos, conforme a tabela abaixo demonstra:

| **Mal** | Cognitivo | Modal | **Total** |
|---|---|---|---|
| | 1<br>20% | 4<br>80% | **5**<br>**100%** |

***Tabela 2: Distribuição do mal com valor de negação pelos tipos de verbos em textos do português arcaico .***

Essas ocorrências evidenciam que o **mal** com valor de negação tende a aparecer ligadas a verbos modais e cognitivos, uma vez que esses verbos têm caráter mais subjetivo

e interpessoal, como podemos observar no exemplo abaixo em que o **mal** aparece ligado ao verbo *poder*:

(57) Assi como dicto he que homem filha ardimento de rroguar aa molhr(e)r p(er) sandias contenenças, assi he molher p(er) molher e homem p(er) homem, espicialment(e) rrelligios(os) e rrelligiosas, que **mall** podem fazer se(us) fe(i)tos, se nom ham quem os sotenha e ajude em suas companhas. Mes, bem saibham taaes gent(e)s que assi passarom estes fe(i)tos, como se os fezessem p(er) obra, que o prove´rbio diz: "tanto vall quem tem o pee como quem o corta". E em tall caso hu~u deve prasmar o outro e amoesta´-llo [e]scondidam(en)t(e) que sse emmende. E, se sse nom e~mendar, deve-o denunciar em sag(ra)do a sseu maior, que o pode emmendar em caridade sem faz(er) [e]sca^ndollo. (Castelo Perigoso)

É importante frisar que o **mal**, com o valor de negação, apareceu nesta modalidade do português, na maioria dos casos, atrelado ao verbo *poder* e, assim como o **mal** negação e negação retórica, sempre ocupou a posição pré-verbal em todos os períodos analisados conforme demonstraremos mais adiante.

### 7.1.1 **Mal** e o grau de gramaticalização das cláusulas no português arcaico

Com relação ao grau de gramaticalização das cláusulas no português arcaico, observemos a tabela a seguir:

| **Mal** | -Gramatical | + Gramatical | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | | Hipotaxe | | Subordinação | | Subordinada relativa | Total |
| | | R | NR | R | RN | NR | |
| **SAV** | | 1 | | | | | **1** |
| **AV** | 4 | 1 | 3 | 2 | | 5 | **15** |
| **VA** | 9 | | 1 | 1 | | 1 | **12** |
| **SVXA** | | | | | 1 | | **1** |
| **VSA** | 1 | | | | | | **1** |
| **SVA** | 5 | | 1 | | | | **6** |
| **VAS** | 1 | | | | | | **1** |
| **Total** | **20** | **2** | **5** | **3** | **1** | **6** | **37** |

***Tabela 3: Distribuição do advérbio mal pelos tipos de cláusulas no português arcaico.***

Podemos constatar que o item **mal**, na posição pré-verbal, comportou-se de acordo com o que imaginávamos, já que ele tende a se colocar nessa posição em cláusulas mais encaixadas, com (75%) das ocorrências deste advérbio qualitativo. Em termos mais específicos, a tabela acima demonstra que o único caso de SAV ocorreu em uma cláusula hipotática reduzida, que possui nível alto de gramaticalização. Além disso, do total de 15 casos de AV, 11 casos, ou 73,3%, ocorreram em cláusulas mais gramaticalizadas.

(58) E pêra mais ryjamente feryrem, he grande avantagem trazer os pees bem firmes nas strebeiras; por que nem te~e~ geeralmente jeito nem poder de lhe dar com ellas tam bem os que os pees nas trebeiras **mal** trazem. (Livro de Ensinança de Bem Cavalgar Toda Sela)

(59) ... porque preegas aos outros que viva b~e, pois tu **mal** viver queres? (Livro das Aves)

Por outro lado, nas cláusulas menos encaixadas, houve somente 4 ocorrências de anteposição de **mal** (todas em posição AV), ou seja, 25% do total de 16 ocorrências pré-verbais, somando SAV e AV. Já nas cláusulas em que o **mal** aparece posposto ao verbo,

observamos que a preferência recai sobre as cláusulas menos gramaticais: 16 ocorrências em cláusulas -gramaticalizadas, 76% do total de 21 ocorrências pós-verbais. Ilustraremos esse tipo de ocorrência com o exemplo que segue:

(60) A outra he que homem deve d'aver paz com se(us) p(re)llad(os), a q(ua)l se pode aver se homem nom detraae nem murmura nem julgua **mall** del(e)s nem de se(us) dit(os) nem feit(os) (Castelo Perigoso)

Vale também ressaltar a quantidade de ocorrências pré-verbais: de um total de 37 casos de **mal** como advérbio qualitativo no português arcaico, 16, ou 43,2% ocorreram em posição pré-verbal. Veremos adiante que, com o tempo, essa tendência vai diminuindo progressivamente.

Esses resultados vêm sendo constatados em vários trabalhos dedicados à análise diacrônica da ordenação dos advérbios qualitativos (Martelotta: 2004: Martelotta: 2006; Martelotta e Vlcek: 2006). Essas tendências, como já vimos, se relacionam ao fato de as cláusulas com alto grau de gramaticalização serem mais conservadoras (Givón: 1979), mantendo, por mais tempo, a tendência de ordenação pré-verbal, típica do latim.

7.1.2 **Mal** ligado a adjetivo/particípio no português arcaico

Passemos a análise da tabela 3 que trata do **mal** ligado a adjetivos/particípios:

| | Alvo: adjetivo/particípio | Alvo: particípio | Total |
|---|---|---|---|
| **Mal** | A Adj/Part. | Part A | |
| | **31**<br>**96,8%** | **1**<br>**3,1%** | **32**<br>**100%** |

***Tabela4: Mal modificando adjetivo/particípio no português arcaico.***

No caso do **mal** ligado a adjetivos/particípios, no português arcaico, imaginávamos inicialmente encontrar a colocação categórica do item em estudo antes de seu alvo. Contudo, houve um caso que nos chamou a atenção, pois o **mal** ocorreu após o particípio:

(61) E aquesto se pode poer exemplo em todos nossos feitos Mes, trazendo a nosso proposito: se eu achar hu~u~ cavallo penssado tam **mal** que per myngua de pensso possa morrer, e vyr o freo quebrado, e meu strabeiro o podia bem veer se o bem reguardara (Livro de Ensinança de Bem Cavalgar Toda sela)

O exemplo acima representa a exceção ao que postulamos acerca da posição do **mal** relativo a particípio/adjetivo, ou seja, a posição pré-verbal categórica, em que esse item tende a se gramaticalizar de forma a tornar-se um prefixo. Entretanto, verificamos nesse exemplo que o referido item aparece em posição pós-verbal. Em relação ao que observamos no exemplo (61), acreditamos que o aparecimento do intensificador *tam* na posição pós-verbal, talvez tenha sido a razão para o deslocamento do **mal** para essa posição, já que em seguida aparece uma cláusula consecutiva. Isso certamente leva o advérbio para depois do verbo, de modo que o período possa conter essa consecutiva.

### 7.1.3 A proximidade entre o **mal** e o seu alvo no português arcaico

Ao observarmos o item **mal** nos *corpora*, percebemos que esse item tende a ocorrer próximo ao seu alvo, mais precisamente antes ou depois. Essa tendência relaciona-se ao subprincípio da proximidade de Givón (1990), que fala que um determinado item deve aparecer próximo ao elemento que modifica. Com base nesse subprincípio, ratificamos

nossa hipótese no que tange ao alvo do **mal**, uma vez que esse item, referente a particípios/adjetivos, ocorreu próximo a eles, mais precisamente antes desses itens, com exceção do caso exemplificado em (61), em que **mal** aparece após o seu alvo, nesse caso, um particípio.

Com relação ao **mal** qualitativo, tendo como alvo o verbo, percebemos que na posição pré-verbal, em todos os dados analisados, esse qualitativo apareceu ao lado do seu alvo (A+V). Já no que tange à posição pós-verbal, novamente ratificamos o mesmo subprincípio, pois das 21 ocorrências, somente duas estavam nessa posição.

## 7.2 **Mal** e os tipos de verbos no português moderno I

Da mesma forma que ocorreu no português arcaico, percebemos que o **mal** qualitativo aparece no português moderno I com predominância nas cláusulas que apresentam verbos materiais (48%), mostrando ainda a tendência de esse item se ligar a verbos mais voltados para ações concretas e cotidianas, seguido pelos verbos que indicam ações verbais (24%), segundo demonstramos na tabela abaixo:

| **Mal** | Material | Cognitivo | Verbal | Percepção | Percepção relacional | Relacional circunstancial | Total |
|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | 12<br>48% | 2<br>8% | 6<br>24% | 2<br>8% | 2<br>8% | 1<br>4% | **25**<br>**100%** |

***Tabela 5: Distribuição do advérbio mal pelos tipos de verbos em textos do português moderno I***

A tabela a seguir mostra o comportamento do item **mal** não exercendo função qualitativa no português moderno I e a relação que se estabelece entre esse item e os tipos de verbo com que ele ocorre.

| **Mal** | Material | Cognitivo | Modal | Total |
|---|---|---|---|---|
| | 1<br>14,2% | 1<br>14,2% | 5<br>71,4% | **7**<br>**100%** |

***Tabela 6: Distribuição do mal com valor de negação e de negação retórica pelos tipos de verbos em textos do português moderno I.***

Como esperávamos, o **mal** desempenhando funções distintas da de advérbio qualitativo (negação e negação retórica) aparece ligado a verbos modais e cognitivos. Contudo, podemos destacar algumas alterações importantes nesse item. Verificamos uma ampliação nos tipos de verbo aos quais o **mal** pode se ligar: ele também aparece nesse período de tempo com outros verbos, como o material (14,2%). Isso ratifica uma das hipóteses deste trabalho, segundo a qual, a partir dessa ampliação, surge o **mal** com valor de negação retórica, conforme podemos observar no exemplo abaixo.

(62) Barris de poluora por se achar a mayor parte da q' há nos Armazeñs as / sim desta Praça como das Fortalezas de todo incapes que **mal** serve pa. / saluas. (PHPB)

Apesar da presença de **mal** com outro tipo de verbo, ou seja, um verbo material, nesse caso *servir*, notamos que esse elemento com valor de negação retórica apresenta mais traços de subjetivismo por parte do falante se o compararmos com o **mal** com valor de negação.

### 7.2.1 **Mal** e o grau de gramaticalização das cláusulas no português moderno I

Apesar das poucas ocorrências do item **mal** como advérbio qualitativo, teceremos alguns comentários no que versa sobre a ordenação e o grau de encaixamento das cláusulas desse item.

| **Mal** | - Gramatical | + Gramatical | | | | | | | Total |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | | Hipotaxe | | Hipot. Relat. | subordinação | | Subord. relat. | | |
| | | R | NR | R | R | NR | R | NR | |
| A V | | | | | | 1 | | 1 | **2** |
| AVS | 1 | | | | | | | | **1** |
| A S V | | | | | | 1 | | | **1** |
| S V A | | | 1 | | | | | | **1** |
| V A | 8 | 2 | 2 | | 2 | 3 | | 1 | **18** |
| V V A | | 1 | | | | 1 | | | **2** |
| **Total** | **9** | **3** | **3** | | **2** | **6** | | **2** | **25** |

***Tabela 7: Distribuição do advérbio mal pelos tipos de cláusulas no português moderno I.***

Mesmo com poucos dados, já podemos detectar algumas tendências observadas em outros trabalhos acerca da ordenação dos advérbios qualitativos. Primeiramente, percebemos que não há, na fase referente ao português moderno I, casos de SAV (encontramos 1 ocorrência nessa posição no português arcaico). As pesquisas têm demonstrado que os qualitativos ocorrem muito entre o sujeito e o verbo e as poucas tendências detectadas estão na fase arcaica de nossa língua. Isso provavelmente se relaciona ao fato de essa fase apresentar, em termos de ordenação vocabular, um período de transição entre a ordenação mais livre e variada do latim e a sintaxe mais fixa do português atual.

Observamos, também, que o **mal** tende a ocupar a posição pré-verbal em sentenças que apresentam maior conservadorismo sintático, ou seja, nas cláusulas mais

gramaticalizadas: nessa posição, tivemos 3 ocorrências, ou 75% do total de 4 casos de posição pré-verbal, somando as ordenações AV, AVS e ASV. Por outro lado, verificamos que **mal**, em posição pré-verbal, ainda aparece nas cláusulas menos encaixadas no português moderno I, porém em uma freqüência bem menor do que a que caracterizou o português arcaico: 16,6% ou 4 das 25 ocorrências de **mal** encontradas no português moderno I[14]. –Vejamos, a título de ilustração, um exemplo de **mal** pré-verbal nesta fase do português:

(63) E vemdo Meliquy niby qua~o pouco seu proveyto fazia nesta terra, e quaoa~o **mal** lhe hobedecia~o, e qua~o lomge tinha os socorros d el rey seu senhor, lhe fez loguo aly saber como toda a terra era alevantada. (Crónica dos Reis de Bisnaga)

7.2.2 **Mal** ligado a adjetivo/particípio no português moderno I

Vejamos o comportamento do item **mal** em relação ao seu alvo, nesse caso, particípio/adjetivo no português moderno I:

| | Alvo: adjetivo/particípio | **Total** |
|---|---|---|
| **Mal** | 30<br>100% | **30**<br>**100%** |

***Tabela 8: Mal modificando adjetivo/particípio no português moderno I.***

Observamos que nessa fase, assim como no português arcaico, manteve-se a tendência de o item **mal** ocorrer imediatamente antes do seu alvo quando este é um

[14] No português arcaico, do total de 37 casos de **mal** como advérbio qualitativo, 43,2% (16 ocorrências) apareceram em posição pré-verbal.

particípio/adjetivo em (100%) dos dados analisados no português moderno I. Ilustramos esse comentário com o exemplo abaixo.

(64) Antigamente em um lugar destes que é o que cabia? Cabia o doutor com os seus textos e umas poucas de postilhas, muito usadas, e por isso muito honradas. Cabia mais uma mula **mal** pensada, se a casa estava muito longe do Limoeiro. (Sermão da Primeira Dominga do Advento)

7.2.3 A proximidade entre o **mal** e o seu alvo no português moderno I

Nesta fase, a proximidade entre o **mal** e o seu alvo na posição pré-verbal está de acordo com o que esperávamos, excetuando-se apenas a posição (A+S+V), que fez com que o qualitativo **mal** não aparecesse imediatamente antes de seu alvo. Já na posição pós-verbal, o comportamento apresentado pelo **mal** vai ao encontro das expectativas dessa análise, pois em todas as cláusulas esse item ocorreu imediatamente após o verbo que ele tinha como alvo.

7.3 **Mal** e os tipos de verbos no português moderno II

A tabela a seguir apresenta a distribuição do **mal** como qualitativo pelos tipos de verbo no português moderno II.

| **Mal** | Material | Relacional Circunstancial | Modal | Cognitivo | Corpóreo | Verbal | Total |
|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | 8<br>40% | 4<br>20% | 1<br>5% | 1<br>5% | 2<br>10% | 4<br>20% | **20**<br>**100%** |

***Tabela 9: Distribuição do advérbio mal pelos tipos de verbos em textos do português moderno II.***

Podemos observar que semelhantemente aos períodos analisados até aqui (português arcaico e português moderno I), no português moderno II, houve predominância dos verbos materiais (40%) quando o item em questão é o **mal** com valor qualitativo, em relação aos demais tipos de verbos, pois conforme já explicitamos, esses verbos se referem a ações concretas e abstratas e, por essa razão, se tornam mais recorrentes na língua do que os demais, como veremos no exemplo abaixo:

(65) A mim, graças a S. Benedicto, de que sou irmão, não/ me chegou **mal**. Só tive augmentos; e senão veja;/ (PHPB)

Na tabela (10), mostraremos o **mal** desempenhando funções distintas de advérbio qualitativo, e sim com o valor de negação e de negação retórica, em relação aos tipos de verbo no português moderno II e a sua relação entre eles.

| **Mal** | Material | Cognição | Modal | Total |
|---|---|---|---|---|
| | 2<br>33,3% | 2<br>33,3% | 2<br>33,3 | 6<br>100% |

***Tabela 10: Distribuição do mal com valor de negação e de negação retórica pelos tipos de verbos em textos do português moderno II.***

Nessa tabela, percebemos que o **mal** sem o valor de qualitativo apresenta algumas mudanças em relação ao português moderno I. Em primeiro lugar, o item **mal** como negação ao ampliar seu escopo verbal, originou o uso negação retórica, conseqüentemente, o **mal** como negação começa a desaparecer a partir desse período, pois registramos somente uma ocorrência desse uso ligado a um verbo modal.

Em segundo lugar, devemos destacar que no português moderno II, além do verbo material que registramos no português moderno I, (cf. ex. (58)) o **mal** como negação retórica é observado com outros tipos de verbo, como os modais e os cognitivos, conforme o exemplo abaixo, no qual podemos observar o **mal** como negação retórica ao lado de um verbo cognitivo.

(66) muito trabalhou, e despendeo á face de seos superiores e subalternos, para obter, como obteve sua reforma, despindo-se por esta maneira de pavonadas e commandos), ou se Luiz Fernandes Pereira, mosso agigantado em Quixotados planos, e que **mal** sabe exprimir a línguagem patria, e muito menos escrevel-a. (PHPB)

Ressaltamos que nesse século encontramos um caso em que o **mal** apresentou ambigüidade no que diz respeito à classificação, pois não conseguimos enquadrá-lo adequadamente como negação ou negação retórica.

(67) Aquelle Soberano Immortal a quem Pertence com a maior justiça possivel o titulo Veneravel de PAY DA PATRIA; **mal** posso eu presentemente deixar em silencio o regosijo que sinto com o excessivo melhoramento que tem recebido o Theatro da nossa Provincia, (PHPB)

7.3.1 **Mal** e o grau de gramaticalização das cláusulas no português moderno II

Passemos agora à tabela 8 acerca do **mal** em cláusulas do português moderno II:

| **Mal** | - Gramatical | + Gramatical | | | | | | | | Total |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | | Hipotaxe | | Hipot. Relat. | | Subordinação | | Subord. relat. | | |
| | | R | NR | R | NR | R | NR | R | NR | |
| A V | | 2 | | | | | | 1 | | **3** |
| V A | 9 | | | 1 | 1 | 2 | 1 | | 1 | **15** |
| V V A | 1 | | | | | 1 | | | | **2** |
| **Total** | **10** | **2** | | **1** | **1** | **3** | **1** | **1** | **1** | **20** |

***Tabela 11: Distribuição do advérbio mal pelos tipos de cláusulas no português moderno II.***

Observamos nessa tabela, apesar dos poucos dados obtidos, uma tendência ao desaparecimento do **mal** qualitativo em posição pré-verbal nas cláusulas menos gramaticalizadas, visto que todas as ocorrências obtidas nessa modalidade se deram em cláusulas mais encaixadas, fato que esperávamos, pois conforme hipotetizamos, esses casos do **mal** em posição pré-verbal tenderiam a ocorrer, nesta fase, em cláusulas com alto grau de encaixamento, como em (68):

(68) Esperamos dos actores do theatro de S. Pedro de Alcantara, o bom desempenho da CALUMNIA, e contem com os applausos, se | os merecem, bem como uma rigida cen- | sura se **mal** o desempenharem. (PHPB)

No exemplo acima, retirado do *corpus* do século XIX, percebemos que o **mal** apresenta valor qualitativo. Observamos também que o **mal**, ainda como qualitativo, aparece numa cláusula hipotática reduzida, ou seja, apresentando alto grau de encaixamento de seus elementos, visto que essas cláusulas, por serem mais conservadoras, não permitem ao qualitativo maior mobilidade no que diz respeito à sua ordenação. Isso faz com que o mesmo se mantenha na posição pré-verbal no português moderno II.

Verificamos que houve uma diminuição da quantidade geral de ocorrências pré-verbais no português moderno II em relação às mesmas posições no português moderno I e no português arcaico. Ao compararmos com os períodos anteriores observamos que no português moderno II encontramos apenas 3 casos ou 15% do total de 20 ocorrências somente na posição AV e em cláusulas mais gramaticalizadas, enquanto no português moderno I registramos 4 casos ou 16% do total de 25 ocorrências nas posições AV, AVS e ASV, (com 1 ocorrência em cláusula com menor nível de encaixamento) e no português arcaico houve um total de 16 ocorrências distribuídas entre cláusulas menos e mais encaixadas e diversas posições do **mal** como qualitativo pré-verbal, conforme vimos anteriormente. Constatamos, desta forma, que houve um progressivo processo de desaparecimento do item **mal**, na posição pré-verbal ao longo dos períodos estudados até aqui.

7.3.2 **Mal** ligado a adjetivo/particípio no português moderno II

| | Alvo: adjetivo/particípio | Total |
|---|---|---|
| **Mal** | **39**<br>**100%** | **39**<br>**100%** |

***Tabela 12: Mal modificando adjetivo/particípio no português moderno II.***

Na tabela acima, novamente ratificamos a hipótese formulada quanto ao subprincípio da proximidade de Givón, uma vez que em (100%) dos dados analisados o item **mal** ocorreu próximo ao seu alvo (adjetivo/particípio), isto é, anteposto ao mesmo.

### 7.3.3 A proximidade entre o **mal** e o seu alvo no português moderno II

O comportamento do **mal** em relação à proximidade e no que diz respeito a seu alvo se manteve também nessa análise, uma vez que tanto na posição pré-verbal, quanto na pós-verbal, esse advérbio aparece imediatamente antes ou após o verbo a que faz referência, como podemos observar no exemplo abaixo.

(69) O Sr. Facundo, como enfurecido grita | e braveja quando ouve ler outra carta, em | que com mais força censurava o inhumano | recrutamento, queixando-se por fim à seu sobrinho o coronel João de castro, (a quem | assim escrevia em confidencia) que tinha gran- | de patente n'este bárbaro proceder a mulher do presidente, que o aconselhava **mal**, que- | rendo fazer-se de nobre, quando todos as- | bião, que se sugeitara à casar-se com um | sargento etc. (PHPB)

## 7.4 **Mal** e os tipos de verbos no português contemporâneo

Na tabela que mostraremos em seguida, encontram-se os verbos relacionados ao qualitativo **mal** no português contemporâneo.

| **Mal** | Material | Cognitivo | Corpóreo | Existencial | Verbal | Relacional | Total |
|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | 1<br>6,2% | 1<br>6,2% | 9<br>56,2% | 2<br>12,5% | 1<br>6,2% | 2<br>12,5% | **16**<br>**100 %** |

***Tabela 13: Distribuição do advérbio mal pelos tipos de verbos em textos do português contemporâneo.***

Diferentemente do que vimos nas modalidades analisadas até então, o verbo material foi um dos menos recorrentes no português contemporâneo (6,2%), ao lado do

verbo cognitivo e do verbo de atividade verbal também com (6,2%) dos dados cada. Registramos, porém, o predomínio de verbos que indicam ações corpóreas (56,2 %), acreditamos que isso se justifica pelo fato de que na maioria das sentenças encontradas com esses verbos, apareça o **mal** qualitativo em estruturas como *passar* ***mal***. Em seguida, temos a ocorrência dos verbos existenciais e relacionais ambos com (12,5%). Nos exemplos abaixo, podemos verificar o referido qualitativo ocorrendo com um verbo corpóreo e com um verbo relacional, respectivamente:

(70) Hanna foi levada ao Pedro II na noite de sábado, após passar **mal** em churrasco. (Jornal Extra)

(71) O governo tem de investir em prevenção, e não esperar as pessoas morrerem. Meu pai está muito **mal.** (Jornal Extra)

A tabela abaixo apresenta os verbos a que o **mal** como negação está relacionado, pois, como dissemos anteriormente, não houve registros desse item com valor de negação no português contemporâneo.

| **Mal** | Material | Modal | Cognição | Atividade Verbal | Total |
|---|---|---|---|---|---|
| | 3<br>50% | 1<br>16,6% | 1<br>16,6% | 1<br>16,6% | 6<br>100% |

***Tabela 14: Distribuição do mal com valor de negação retórica pelos tipos de verbos em textos do português contemporâneo***

No português contemporâneo, percebemos que o item **mal** com valor de negação retórica ampliou mais seu contexto, conseqüentemente, esse item, além de ocorrer com verbos materiais, modais e cognitivos, os quais já havíamos registrado em outros períodos

analisados, também aparece ao lado de verbo de atividade verbal, fato que também já esperávamos nesse trabalho, uma vez que o **mal** ao ampliar seu escopo, adquire maior possibilidade de ocorrer com outros verbos. A seguir, um exemplo do **mal** negação retórica ao lado de um verbo de atividade verbal.

(72) A demanda cresceu tanto que o psiquiatra passou a ir à favela semanalmente, quando era abordado por moradores que lhe pediam receitas de remédios controlados, muitos dos quais prescritos por médicos que **mal** falavam com os pacientes. (Jornal O Globo)

7.4.1 **Ma**l e o grau de gramaticalização das cláusulas no português contemporâneo

De acordo com nossa hipótese, não houve ocorrências do **mal** em posição pré-verbal, no português contemporâneo, pois a tendência do mesmo era o desaparecimento, num primeiro momento, em cláusulas menos encaixadas e, posteriormente, nas mais encaixadas. Percebemos que houve predomínio do **mal** pós-verbal nas cláusulas menos encaixadas no português contemporâneo.

| **Mal** | - Gramatical | + Gramatical | | | | | | | | Total |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | | Hipotaxe | | Hipot. Relat. | | subordinação | | Subord. relat. | | |
| | | R | NR | R | NR | R | NR | R | NR | |
| S V A | 3 | | | | | 1 | 2 | | | **6** |
| V A | 8 | | 1 | | | 1 | | | | **10** |
| **Total** | **11** | | **1** | | | **2** | **2** | | | **16** |

***Tabela 15: Distribuição do advérbio mal pelos tipos de cláusulas no português contemporâneo.***

Esses resultados ratificam as pesquisas anteriores acerca da mudança nas tendências de ordenação dos advérbios qualitativos, apontando para o desaparecimento quase total das ocorrências pré-verbais desses elementos no português contemporâneo.

7.4.2 **Mal** ligado a adjetivo/particípio no português contemporâneo

| | **Alvo: adjetivo/particípio** | **Total** |
|---|---|---|
| **Mal** | **7**<br>**100%** | **7**<br>**100%** |

***Tabela 16: Mal modificando adjetivo/particípio no português contemporâneo.***

Como esperávamos, o **mal** ligado a particípio/adjetivo no português contemporâneo ocorreu antes de seu alvo, ocorrendo, na maioria dos casos (57%) na forma da expressão cristalizada ***mal*** *humorado*.

7.4.3 A proximidade entre o **mal** e o seu alvo no português contemporâneo

Nos 16 casos obtidos do **mal** como qualitativo, todos apareceram imediatamente após o seu alvo, como podemos observar no exemplo a seguir:

(73) Sempre que um marginal era posto em liberdade sob olhar perplexo da sociedade, a justificativa protocolar era sempre a mesma: a política corrupta e incompetente, trabalhou **mal**. (Jornal O Globo)

7.5 A trajetória e os tipos de verbo relacionados ao uso de **mal** negação e ao uso negação retórica no português escrito

Na tabela seguinte, colocamos os casos do **mal** com valor de negação e de negação retórica encontrados nos textos de todos os séculos analisados. Tivemos como objetivo neste capítulo demonstrar a evolução e a extensão do uso do **mal** desde o século XV até o XXI. Devemos destacar que a fim de podermos observar mais claramente a ampliação do

contexto de usos de verbo do **mal** no português escrito, adotamos a separação por séculos, diferentemente do que fizemos nas tabelas anteriores.

| **Mal** | Século XV | | Século XVII[15] | | Século XVIII | | Século XIX | | | Século XX e XXI | | | | **Total** |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| Tipos de verbo[16] | Cog. | Mod. | Cog. | Mod. | Mat. | Mod. | Mat. | Mod. | Cog. | Mat. | Mod. | Cog. | Ativ. verbal | |
| Negação | 1 | 4 | 1 | 2 | 0 | 3 | 0 | 1 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | **12** |
| Negação retórica | 0 | 0 | 0 | 0 | 1 | 0 | 2 | 1 | 2 | 3 | 1 | 1 | 1 | **12** |
| Ambíguo | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 1[17] | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | **1** |
| **Total** | **1** | **4** | **1** | **2** | **1** | **3** | **2** | **3** | **2** | **3** | **1** | **1** | **1** | **25** |

***Tabela 17: Distribuição do mal com valor de negação e de negação retórica pelos séculos do português.***

Constatamos que o uso negação é mais antigo que o de negação retórica, uma vez que somente encontramos o segundo uso a partir do século XVIII. Por conta dos poucos casos, não podemos afirmar categoricamente que o valor negação tenha originado o de negação retórica, porém acreditamos que isso seja possível, pois não obtivemos casos deste último valor em textos mais antigos. Abaixo, segue um exemplo do **mal** com valor de negação no século XV:

(74) Aa ora de ve´speras foi o seu corpo decido da cruz. Ora, penssaae a maneira de decer e como seria rrecebido aquelle corpo morto. E da trist(e) sua madre, que p(re)sent(e) era os sospir(os) e gimid(os) **mall** poderiam seer esc(ri)pt(os). (Castelo Perigoso)

[15] Não registramos o século XVI na tabela pelo fato de não encontrarmos registros do **mal** como negação ou como negação retórica.
[16] As abreviações que utilizamos nessa tabela correspondem aos seguintes tipos de verbo: cog.: cognitivo; mod.: modal; mat.: material e ativ. verbal: atividade verbal.
[17] Consideramos como ambíguo o **mal** que encontramos no século XIX pelo fato de não conseguirmos enquadrá-lo como negação ou como negação retórica. Contudo, o tipo de verbo para esse caso é um modal, conforme exemplo (66) que se encontra no item 7.3 deste trabalho. Desta forma, preferimos acrescentá-lo nessa tabela.

No exemplo acima, a idéia transmitida é de uma plena negação da ação verbal, ou seja, os gemidos e suspiros não poderiam ser escritos. Sugerimos, então, que a partir do uso negação, ocorre ampliação de sua gama verbal, surgindo assim o uso negação retórica, que por sua vez originou o **mal** com valor de conjunção, como aponta Silva e Silva em seu trabalho (2001: 54): "Esse uso, provavelmente, é uma extensão do valor de restrição/negação que o elemento em estudo também pode apresentar."

Vejamos a seguir o exemplo (75) que apresenta um caso do **mal** como negação retórica:

(75) Barris de poluora por se achar a mayor parte da q' há nos Armazeñs as / sim desta Praça como das Fortalezas de todo incapes que **mal** serve pa. / saluas. (PHPB)

Neste exemplo do século XVIII, observamos que o emprego do **mal** com valor de negação retórica não nega totalmente a ação verbal expressa pelo verbo *servir*, mas atribui a este uma imperfeição, uma idéia de irregularidade. Cabe ressaltar que por se tratarem de casos gramaticalizados, o **mal** tanto com valor de negação quanto com valor de negação retórica manteve posição pré-verbal; da mesma forma, o **mal** como conjunção, por também ser um uso gramaticalizado, tende a se fixar no início das cláusulas, servindo como organizador argumentativo.

Podemos também observar através da tabela (17) que há uma extensão, conforme já explicitamos anteriormente, do **mal** negação para outros contextos, ou seja, ele passa a ser usado ao lado de outros verbos, como materiais e atividade verbal, originando com isso o **mal** negação retórica.

# 8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa análise se propôs a observar o item **mal** em seus aspectos de ordenação nas cláusulas e seus usos gramaticalizados relevantes. Sob a ótica funcionalista, observamos textos do português escrito, numa abordagem diacrônica, com o objetivo de demonstrar as tendências de ordenação do item em questão e suas implicações, confirmando as hipóteses apresentadas no corpo deste trabalho. Desta forma, pudemos ao final desta análise chegar a algumas considerações acerca do item **mal,** em consonância com outras pesquisas que também fazem referência de alguma forma ao que também pesquisamos nessa Dissertação, como Silva e Silva (2001) e Martelotta (2004; 2006) e Martelotta e Vlcek (2006).

No que se refere à mobilidade do advérbio **mal** nas cláusulas, ocorreu o que esperávamos, ou seja, a perda da mobilidade desse advérbios se efetiva ao longo dos períodos, culminando com o desaparecimento da posição pré-verbal, no português contemporâneo. Em decorrência do grau de encaixamento das cláusulas, a posição pré-verbal latina começa a desaparecer naquelas que apresentam menor grau de encaixamento, uma vez que estas permitem maior liberdade e variedade de seus elementos significativos. Em contrapartida, as cláusulas mais encaixadas por serem mais restritas ainda detêm alto grau de conservadorismo sintático, mantendo, desta forma, o **mal** na posição pré-verbal nessas, até o português moderno II, conforme hipotetizamos.

A tendência de **mal** ocorrer próximo ao verbo a que ele faz referência se mostrou latente em todos os períodos analisados, pois houve poucos registros desse item ocorrendo próximo a outro termo que não o verbo, ratificando a proposta de que trata o princípio da iconicidade de Givón (1990), o qual explicita que os advérbios, por serem termos de valor

determinante, devam ocorrer próximos aos elementos que modificam, no caso do **mal,** o registramos antes ou depois do verbo em questão.

No que concerne ao **mal** se referindo a adjetivos/particípios também confirmamos o que de certa maneira esperávamos, pois o mesmo, excetuando-se o caso obtido no português arcaico (cf. ex.61), somente se colocou antes desses termos. Acreditamos, portanto, que a fixação desse item nessa posição se deu através do processo de gramaticalização que o levou a assumir valor de prefixo.

O item **mal** como qualitativo predominou nos dados analisados com verbos materiais, visto que esses verbos indicam ações concretas e abstratas prototipicamente modificadas por esse tipo de advérbio, salvo no português contemporâneo em que esse qualitativo aparece predominantemente com verbos corpóreos em função da repetição do uso da expressão *passar* ***mal***.

Encontramos também novos usos gramaticalizados do **mal** no português, que não tinham sido relatados em trabalhos anteriores: o **mal** com valor predicativo (cf. ex. 45) que se trata de uma construção na qual esse elemento associa-se ao verbo *ser*, funcionando como um modificador de um SN ou de orações subjetivas e o **mal** com valor de negação (cf. ex.50).

Observamos ainda que o **mal** com valor de negação constitui um uso mais antigo, visto que o registramos em textos do português arcaico ao português moderno II, como mencionamos em capítulos anteriores. Verificamos a ocorrência do **mal** neste uso mais antigo, na maioria dos dados, ao lado de verbos modais e cognitivos. A ocorrência desse uso sugere que a partir do mesmo, o **mal** pode ter ampliado seu escopo contextual, passando a ocorrer ao lado de outros verbos, originando assim o que Silva e Silva (2001) chamou de restrição/negação e que aqui denominamos negação retórica.

Devemos salientar que os primeiros registros do **mal** com valor de negação retórica, neste trabalho, dataram do século XVIII em oposição a Silva e Silva (2001) que registra esse valor somente a partir do século XIX em sua pesquisa. Como explicitamos anteriormente, neste valor o item **mal** aparece gramaticalizado numa posição mais fixa, ou seja, pré-verbal. Este item perdeu seu valor qualitativo para desempenhar uma função mais argumentativa e a partir deste, pressupomos que tenha surgido o **mal** com valor de conjunção.

Tendo em vista o que analisamos neste trabalho, apesar dos poucos dados obtidos, podemos também dizer que o item **mal**, em decorrência das exigências argumentativas, apresenta nova ordenação em função do processo de gramaticalização das cláusulas e pelo processo de gramaticalização. Esse item enfraquece sua característica qualitativa, passando a assumir novos usos na língua, co-ocorrentes com o qualitativo, tais como os apresentados nesta pesquisa e também em outras relacionadas à mudança lingüística em termos de ordenação e gramaticalização, como os Silva e Silva (2001), Martelotta (2004; 2006) e Martelotta e Vlcek (2006). Tal constatação nos leva a crer que essas mudanças não se restringem apenas ao item **mal**, mas que se estendem também a outros advérbios qualitativos, tais como o **bem**.

# 9 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS


ALZUGARAY, Domingo e ALZUGARAY, Cátia. *Livro de ouro de cozinha*. São Paulo Editora Três, s/d.

BORBA, Francisco S. 1996. *Uma gramática de valências para o português*. São Paulo: Ática.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

BENEDITO, Luciano Sebastião B. *Ordenação do advérbio qualitativos bem no português escrito no século XIX e no português atual*. UFRJ: 2004 (Mimeo).

BOFF, Leonardo. *A águia e a galinha: uma metáfora da condição humana*. 40.ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

CORPUS INFORMATIZADO DO PORTUGUÊS MEDIEVAL. www.cipm.fcsh.unl.pt/index.jsp. Acesso em: Julho de 2006.

CUNHA, Celso e CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

CUNHA, Maria Angélica F. da, OLIVEIRA, Mariângela Rio de e MARTELOTTA, Mário Eduardo. *Lingüística funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: FAPERJ/ DP&A Editora, 2003.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. 2ª ed. Ed. Nova Fronteira. Rio de Janeiro, 1982.

DIXON, R. M. W. *A new approach to English grammar, on semantic principles*. Oxford: Claremdon Press, 1991

DOURADO, Regina. *Quero comer!!!: dores e delícias do cozinheiro diletante*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.

FRACASSO, Frei Anselmo. *Amor é Vida*. Petrópolis: Vozes. 2000.

GIVÓN, Talmy. *On understanding grammar*. New York/San Francisco/London: Academic Press, 1979.

GAMBARINI, Pe. Alberto Luiz. *Ao Vencedor!: mensagem às sete igrejas do apocalipse*. 3. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1997.

GIVÓN, Talmy. *Syntax: a functional-typological introduction*. Amsterdam: John Benjamins, 1990.

GOMES FILHO, Antônio (Org.). *Um tratado da cozinha portuguesa do século XV*. 2. ed. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional. Dep. Nacional do Livro, 1994.

HALLIDAY, M. A. K. *An introduction to functional grammar*. 2.ed. London: Edward Arnold, 1994.

HOPPER, Paul J. & TRAUGOTT, Elizabeth-Closs. *Grammaticalization.* Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

ILARI, Rodolfo et al. Considerações sobre a posição dos advérbios. In: CASTILHO, Ataliba Teixeira de. *Gramática do português falado: a ordem. Vol. I.* São Paulo: Editora da UNICAMP/ FAPESP, 1996.

MALER, Bertil (ed.). *Orto do esposo*. Texto inédito do fim do século XIV ou começo do XV. Edição crítica com introdução, anotações e glossário. Rio de Janeiro: INL, 1956.

MAROUZEAU, J. *L'ordre des mots dans la phrase latine. Tome III: les articulations de l'énoncé*. Paris: Société d'Édition Les Belles Letres, 1949.

MARTELOTTA, Mário Eduardo. *Os circunstanciadores temporais e sua ordenação: uma visão funcional*. 1994, 238 p. Tese (Doutorado em Lingüística) UFRJ. Rio de Janeiro.

MARTELOTTA, Mário Eduardo. *Ordenação dos advérbios bem e mal no português escrito: uma abordagem histórica*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2004 (mimeo).

MARTELOTTA, Mário Eduardo. Ordenação dos advérbios qualitativos em -mente no português escrito dos séculos XVIII e XIX. In: Gragoatá – Publicação do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFF. Niterói, nº 21, p. 11-26, 2º Semestre de 2006.

MARTELOTTA, Mário Eduardo e AREAS, Eduardo K. A visão funcionalista da linguagem no século XX. In: CUNHA, Maria Angélica F. da, OLIVEIRA, Mariângela Rio de e MARTELOTTA, Mário Eduardo. *Lingüística funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: FAPERJ/ DP&A Editora, 2003.

MARTELOTTA, Mário E. e LEITÃO, Márcio M. A posição dos advérbios qualitativos, intensificadores e locativos em anúncios do século XIX. In: *Para a história do português brasileiro*. *Vol. III: novos estudos*. São Paulo: Humanitas/ FFLCH/USP. 2002.

MARTELOTTA, Mário E. e PROCESSY, Wendel. *Os advérbios em latim*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006 (mimeo).

MARTELOTTA, Mário Eduardo e SILVA E SILVA, Edna I. Gramaticalização dos usos do vocábulo *mal*. In: Revista da AMPOLL 3. São Paulo, p. 165-174, 1997.

MARTELOTTA, Mário E. e VLCEK, Nathalie. Advérbios qualitativos em *-mente* em cartas de jornais do século XIX. In: *Lingüística: Revista do Programa de Pós-Graduação em Lingüística da UFRJ*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006.

MORAES PINTO, Deise Cristina de. *Os Advérbios Qualitativos e Modalizadores em* -mente *e sua ordenação: uma abordagem histórica***.** Dissertação de Mestrado em Lingüística. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/ UFRJ. 2002.

Naufrágio que passou Jorge dAlbuquerque Coelho, Capitão e Governador de Pernambuco. Em Lisboa: Impresso com licença da sancta Inquisição: Por Antonio Alvarez. Anno MCCCCCCI. Vendemse em casa de Antonio Ribeyro Labreyro. /sic/ Publicação fac-similada: Revista Filológica – Rio de Janeiro – Maio, 1995, pág, 81-96; Junho e Julho, 1955, pág, 81-96; Agosto e Setembro, 1955, pág, 81-96; 2º semestre de 1956, pág, 81-111.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

OLIVEIRA, Mariangela Rios de e VOTRE, Sebastião. *A língua falada e escrita na cidade do Rio de Janeiro - materiais para seu estudo.* Rio de Janeiro: UFRJ, 1995 (inédito).

PAGOTTO, Emílio G. Norma e condescendência: ciência e pureza. In: Línguas e Instrumentos Lingüísticos. Vol. 2. pp. 49-68, 1998.

PARA UMA HISTÓRIA DO PORTUGUÊS DO BRASIL – RJ. www.letras.ufrj.br/phpb-rj. Acesso em: Julho de 2006.

PIEL, Joseph M, (ed.). *Livro da ensinança de bem cavalgar toda sela: que fez El-Rey Dom Eduarte de Portugal e do Algarve e Senhoe de Ceuta*. Lisboa: Livraria Bertrand, 1944.

PERINI, Mário A. *Gramática descritiva do português*. 4ª ed. Ed. Ática. São Paulo, 2002.

RECEITAS de Cláudia para o inverno. São Paulo: Editora Abril S.A., s/d

RECEITAS de Cláudia para o outono. São Paulo: Editora Abril S.A., s/d

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. *Gramática normativa da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.

ROSSI, Nelson *et alii*. (eds.). *Livro das aves*. Rio de Janeiro: INL/MEC, 1965.

SILVA E SILVA, Edna Inácio. *As tendências de ordenação do advérbio mal: uma abordagem diacrônica*. 2001, 86 p. Dissertação (Mestrado em Lingüística) UFRJ. Rio de Janeiro.

SILVA NETO, Serafim da (ed.). *Bíblia medieval portuguesa: histórias d'abreviado testamento velho, segundo o meestre das historias scolasticas*.. Rio de Janeiro: INL/MEC. 1958.

SCHEIBMAN, Joanne. Local paterns of subjectivity in person and verb type in American English conversation. In: BYBEE, Joan e HOPPER, Paul. *Frequency and the emergence of linguistic structure*. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2001.

TARALLO, F. (1991/1993). Diagnosticando uma gramática brasileira: o português d'aquém e d'além mar ao final do século XIX. In: I. Roberts e M. Kato (Orgs.) *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993, pp. 69-106.

TRAUGOTT, Elizabeth C. e DASHER, Richard B. *Regularity in semantic change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

UNGERER, Friedrich e SCHMID, Hans-Jörg. *An introduction to cognitive linguistics.* London/New York: Longman, 1999.

BENEDITO, Luciano Sebastião Bandeira. *Polissemia e ordenação do item **mal** no português escrito: uma abordagem diacrônica.* Dissertação de Mestrado em Lingüística apresentada à Coordenação dos Cursos de Pós-Graduação da Faculdade de Letras da UFRJ, 2008. 104 p. mimeo.

## RESUMO

Este trabalho tem como principal objetivo descrever e analisar diacronicamente, sob o enfoque funcionalista, a perda de mobilidade do advérbio qualitativo **mal,** que ocorreu gradativamente, culminando com a atual posição deste item, ou seja, pós-verbal. Também foram do interesse deste trabalho os usos gramaticalizados do **mal**, tais como prefixo, conjunção e o **mal** funcionando como negação e negação retórica. Nestes últimos casos, tivemos também interesse em observar os tipos de verbos a que o **mal** faz referência e compará-los com o **mal** como advérbio qualitativo. Tivemos como foco principal, no que diz respeito ao **mal** como advérbio qualitativo, observar a ordenação do referido advérbio, o alvo ao qual ele faz referência e a proximidade desse advérbio com relação ao seu alvo. Com isso, pretendemos principalmente demonstrar que a posição pré-verbal do **mal** gradativamente desaparece do nosso idioma, ao longo dos períodos analisados neste trabalho. No que tange ao advérbio referindo-se a adjetivos/particípios, partimos da hipótese de que o mesmo deveria ocorrer antes de seu alvo. Fizemos uma pesquisa empírica qualitativa e quantitativa com o intuito de se analisar o fato acima explicitado cujos resultados obtidos demonstramos através de tabelas após a análise dos *corpora*. Esta pesquisa teve como base teórica, principalmente Martelotta (2004), Silva & Silva (2001), Givón (1979) e Marouzeau (1949).

BENEDITO, Luciano Sebastião Bandeira. *Polissemia e ordenação do item **mal** no português escrito: uma abordagem diacrônica.* Dissertação de Mestrado em Lingüística apresentada à Coordenação dos Cursos de Pós-Graduação da Faculdade de Letras da UFRJ, 2008. 104 p. mimeo.

## ABSTRACT

The objective of the study is to describe and analyze diachronically, under the functionalist view, the mobility lose of the qualitative adverb **mal**, which has occurred gradually, ends with the current position on this term, it means, after the verb. There were such interests to this project considering the grammaticalizated uses for **mal** as well, such as: prefixes, conjunctions and **mal** like negation and rhetorical negation. Observing these last cases, we also had the interest in the observation of some kinds of verbs to which **mal** refers to and compare them to **mal** as some qualitative adverb. We had as main focus, dealing with **mal** as qualitative adverb, the observation to the ordination of this mentioned adverb; the goal to which it refers and its related relation to its target. This way, the previous position to mal gradually disappears in our language along the periods analyzed in this work. Referring to adjectives/participles, we started from the hypothesis that the same should have occurred immediately to this adverb, right before its objective. We did some empirical qualitative and quantitative research with the objective of analyzing the event exposed above which results will be shown through the tables after the analysis of *corpora*. This research had as theoretical basis, mainly Martelotta (2004), Silva & Silva (2001), Givón (1979) e Marouzeau (1949).

# Livros Grátis

( http://www.livrosgratis.com.br )

Milhares de Livros para Download:

Baixar livros de Administração
Baixar livros de Agronomia
Baixar livros de Arquitetura
Baixar livros de Artes
Baixar livros de Astronomia
Baixar livros de Biologia Geral
Baixar livros de Ciência da Computação
Baixar livros de Ciência da Informação
Baixar livros de Ciência Política
Baixar livros de Ciências da Saúde
Baixar livros de Comunicação
Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE
Baixar livros de Defesa civil
Baixar livros de Direito
Baixar livros de Direitos humanos
Baixar livros de Economia
Baixar livros de Economia Doméstica
Baixar livros de Educação
Baixar livros de Educação - Trânsito
Baixar livros de Educação Física
Baixar livros de Engenharia Aeroespacial
Baixar livros de Farmácia
Baixar livros de Filosofia
Baixar livros de Física
Baixar livros de Geociências
Baixar livros de Geografia
Baixar livros de História
Baixar livros de Línguas

Baixar livros de Literatura
Baixar livros de Literatura de Cordel
Baixar livros de Literatura Infantil
Baixar livros de Matemática
Baixar livros de Medicina
Baixar livros de Medicina Veterinária
Baixar livros de Meio Ambiente
Baixar livros de Meteorologia
Baixar Monografias e TCC
Baixar livros Multidisciplinar
Baixar livros de Música
Baixar livros de Psicologia
Baixar livros de Química
Baixar livros de Saúde Coletiva
Baixar livros de Serviço Social
Baixar livros de Sociologia
Baixar livros de Teologia
Baixar livros de Trabalho
Baixar livros de Turismo